



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design GráficoCarol Patriarca
Cícero Guimarães
Liz Carvalhal
Vicente Henrique dos Santos**Revisão**

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Beatriz Góis Dantas (pesquisadora) • Ícaro Novaes e Alisson Castro (pesquisadores) • Adalci Souza (jornalista) • Raimundo Venâncio (diretor de teatro) •
Matheus Brito (colaborador) • Gilson Sousa (jornalista) • Jorge Carvalho (pesquisador) • João Augusto Gama (colaborador)

Cumbuca

Ano VI | Número 20

cumbuca@segrase.se.gov.br
(79) 3205-7421/7400
Rua Propriá, 227 - Centro
Aracaju - SE
CEP: 49010-020

**Governo do Estado de Sergipe****Governador**

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto

**Serviços Gráficos de Sergipe****Diretor-Presidente**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antônio Moura Sales

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

Estamos trazendo à atenção dos leitores nossa 20ª edição onde se destacam matérias abordando práticas religiosas de matriz africana, cuja influência na formação da feição cultural da gente sergipana é notória. A eminente pesquisadora/professora Beatriz Góes Dantas traz-nos um breve estudo sobre a história do Candomblé em Sergipe tecendo esclarecidas considerações sobre a acentuação nagô adotada por Mãe Bilina, no Terreiro Santa Bárbara Virgem, na cidade de Laranjeiras, na primeira metade da década de 1970 do século XX. Já os pesquisadores Ícaro Novaes e Alisson Castro discorrem sobre a casa de culto do pai de santo Alexandre, os Filhos de Obá, cujas atividades remontam a mais de um século, também na cidade de Laranjeiras.

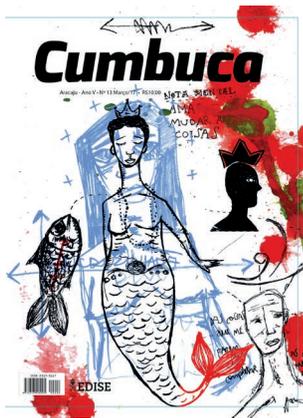
Abordando o ativismo cultural pela celebração da negritude, a Cumbuca traz artigo assinado pela jornalista Aldaci de Souza sobre o ator e pesquisador Severo D'Acéline e uma mostra da obra deixada por João Sapateiro, poeta reverenciado pela sua verve popular e cordelística.

O diretor teatral Raimundo Venâncio noticia a excelência do monólogo Billy Holiday: a canção, escrito pelo saudoso poeta sergipano Hunald Alencar, que vem colecionando aplausos além fronteiras e o jornalista Gilson Souza revela o sucesso de três músicos sergipanos no cenário nacional: o sanfoneiro Mestrinho, o violonista Saulo Ferreira e o pianista/cantor João Ventura.

Uma interessante matéria assinada pelo jornalista Matheus Brito apresenta os saraus poéticos promovidos pela mais nova geração de poetas sergipanos nas ruas da nossa capital. Matéria do colaborador João Augusto Gama enaltece a figura do professor João Cardoso Nascimento Júnior, ex-reitor da Universidade Federal de Sergipe, que durante os anos de chumbo da ditadura militar no Brasil protagonizou atitudes heróicas de resistência, garantindo direitos democráticos aos estudantes daquela instituição, e o professor doutor Jorge Carvalho do Nascimento, pesquisador, traz-nos matéria sobre as terras e sítios onde se instalou o embrião da cidade de Aracaju, nossa querida capital.

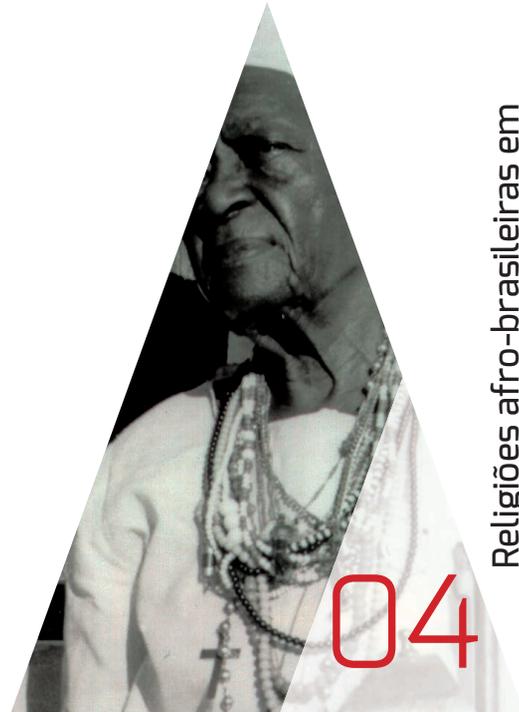
Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor



Capa:
Gabi Etinger

Ilustrações de capa:
Yuri Cirulo



Religiões afro-brasileiras em
Laranjeiras
Adailton Andrade

04



12

Filhos de Obá
Ícaro Novaes e Alisson Castro



26

Severo D'Acéline
Aldaci de Souza

su
m
ár
io

32

Billie Holiday, a
canção
Raimundo Venâncio

De Sergipe para o mundo
Gilson Sousa

58

66

Os reitores e os
generais
João Augusto Gama

Poesias
João Sapateiro

40

48

De rua para rua
Matheus Brito

As terras do Aracaju
Jorge Carvalho do Nascimento

70

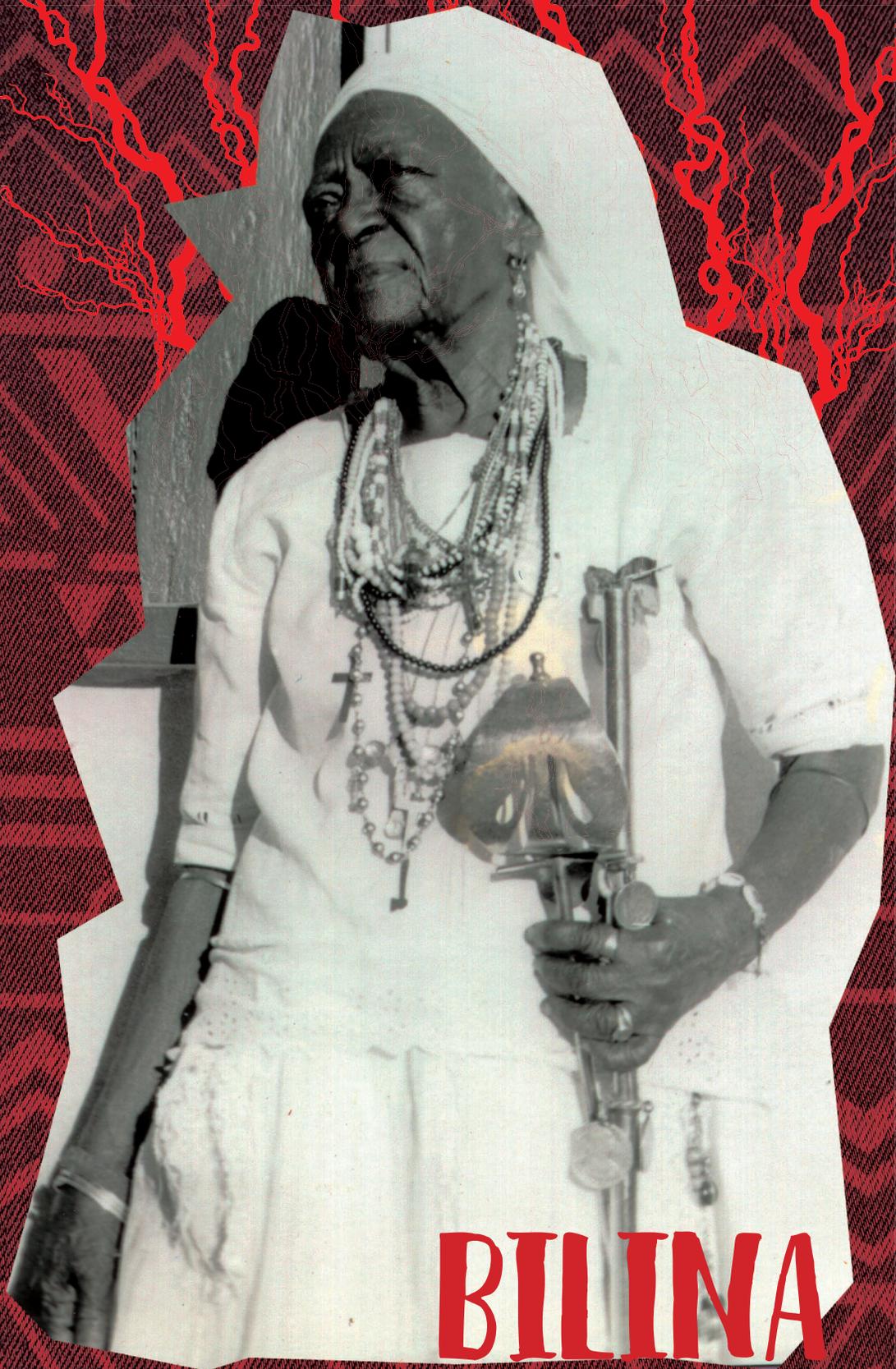
RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM LARANJEIRAS: FORMAÇÃO DA TRADIÇÃO NAGÔ

Beatriz Góis Dantas

As religiões afro-brasileiras, quando circunscritas ao estado de Sergipe, têm em Laranjeiras uma referência básica. Localizada no vale do Cotinguiba, principal zona açucareira sergipana no século XIX, a cidade teve destacada função comercial, com movimentado porto que permitia intercâmbio, sobretudo, com o Rio de Janeiro, a Bahia e Pernambuco.

Na década de 70 do século XIX, atingiu seu apogeu econômico e cultural, contando com um quadro de ocupações bastante diversificado para atender as demandas dos senhores de engenhos e comerciantes ricos, habitantes dos muitos sobrados que se ergueram na Rua Direita. Intensa vida cultural movimentava a cidade que tinha jornais, aulas de francês, saraus, teatro, uma elite ilustrada e festas centradas no culto aos santos realizadas nas muitas igrejas, dentre as quais a de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, patronos dos pretos, celebrados com rituais em que cantos, danças e fantasias remetiam a tradições caras aos africanos (Oliveira,1942).





BILINA



Em razão da economia florescente, a presença de negros nascidos na África era acentuada na freguesia de Laranjeiras que, em 1872, abrigava quase a metade dos 1.506 africanos que, à época, viviam no atual território sergipano. Ao lado dos crioulos, seus descendentes nascidos no Brasil, espalhavam-se pelos engenhos ou moravam na cidade trabalhando como escravos ou libertos, exercendo atividades econômicas e socioculturais por meio das quais se tornavam visíveis e expressavam uma forma de viver, na qual a religião entrava como um dos elementos constitutivos da identidade, vinculando-os a diferentes etnias vindas da África.

Até os primeiros anos do século XX, ainda remanesciam, na cidade e em suas imediações, negros nascidos do outro lado do Atlântico, reconstruindo identidades e dando continuidade a tradições religiosas das terras de origem. Se os malês, os negros islamizados, não conseguiram manter unidades de culto organizadas após a morte do seu chefe, Zé Sapucari, em 1899, outras tradições religiosas persistiram, alongando no tempo a presença africana em Laranjeiras, destacando-se entre elas o nagô. Este ter-

mo designava, no Brasil, povos de língua iorubá, habitantes da atual Nigéria e do Benin, e hoje referencia uma importante tradição religiosa.

Na primeira metade da década de 70 do século XX, quando a cidade perdera sua pujança econômica e cultural, dois netos de africanos dirigiam centros religiosos, conhecidos como terreiros, onde se cultuavam orixás identificados com santos católicos e reviviam memórias dos seus ancestrais nagôs: Bilina, chefe do Terreiro Santa Bárbara Virgem, e Alexandre, pai de santo do Filhos de Obá. Eram os dois centros de culto mais famosos da cidade, e talvez de Sergipe, desenvolvendo entre si intensa rivalidade.

Entre 1969-1974, convivi com mãe Bilina ao pesquisar a Taieira, uma dança de louvação a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; e o Nagô, nome com que designava seu centro de culto afro-brasileiro, trabalhos que resultaram na publicação de dois livros: A Taieira de Sergipe (1972) e Vovó Nagô e Papai Branco (1988). O que se segue é resumo da história/memória da formação da tradição nagô em Laranjeiras, com base, sobretudo, nas narrativas de Bilina.



“Já nasci pra ser
dona das colônias de
Santa Bárbara pela
África. Quando se
acabasse os africanos
eu era a dona.”



Batizada como Umbelina de Araújo, crioula que não alcançou a escravidão, assumiu a direção do terreiro Santa Bárbara Virgem depois da epidemia de varíola que assolou a cidade entre 1911-12. Tendo como ascendentes quatro avós nagôs, mas criada na casa do “papai branco”, onde sua mãe, a ex-escrava Calu, vivia com sua família, Bilina afirmava enfaticamente: “Já nasci pra ser dona das colônias de Santa Bárbara pela África. Quando se acabasse os africanos eu era a dona” (Dantas, 1988, p. 66). Determinada e ciente de sua predestinação, lutou para manter-se na chefia do centro de culto, e assim deu continuidade à tradição religiosa que, segundo seu depoimento, foi introduzida na cidade por Henrique, um africano que fez a travessia do Atlântico num navio negreiro em que viajava a sua avó Isméria, que muito se empenhou para transformar a neta em sacerdotisa.

Depois de Henrique, os nagôs foram dirigidos por Herculano, um africano que, liberto da escravidão, adquiriu muitas posses e manteve-se na liderança do grupo de culto, cuja sede era uma ampla casa na Rua da Comandaroba onde realizavam os rituais. Sua influência se estendia aos nagôs de outras localidades, como Divina Pastora, Nossa Senhora do Socorro e Riachuelo, para onde se deslocava realizando festejos em homenagem aos orixás, consolidando e difundindo a tradição religiosa (Dantas, 1988).

Com a morte de Herculano, em 1907, Bilina, que estava no Rio de Janeiro como empregada doméstica, retornou a Laranjeiras e, após disputar a chefia com a crioula Inácia, assumiu a direção do terreiro, localizando-o na antiga Rua da Alegria (atual Umbelina Araújo) sob a denominação de Santa Bárbara Virgem. Agregando os “nagôs de sangue” e “os batizados” (não descendentes de africanos incorporados à “irmandade” através de rituais), deu continuidade às práticas do culto aos orixás e aos antepassados, cimentando a coesão do grupo e apregoando a “pureza” do seu terreiro que preservaria a herança nagô sem misturar com outras formas religiosas. Apesar de ser explícita a influência da religião católica, que, além da identificação de orixás com santos, incorpora também muitos elementos do simbolismo ritual do catolicismo na vida do Santa Bárbara Virgem, Bilina não considerava que essa “mistura” alterava a apregoada “pureza” do seu terreiro nagô; ao contrário da “mistura” com outras práticas religiosas como o culto aos caboclos e mesmo rituais que, em outras localidades, eram tidos como sinais da ortodoxia nagô, como era o caso do “feitorio de santo” da Bahia.







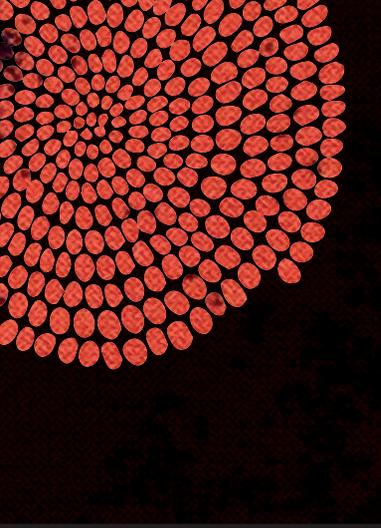
Estes elementos se constituíam nas principais diferenças e divergências entre Bilina e Alexandre. Na visão daquela, Alexandre, que era nagô de origem, traíra a África ao aceitar o “feitorio de santo”, prática ritual de iniciação de fiéis trazida para Sergipe por pais de santo vindos da Bahia, na primeira metade do século XX (Maia, 1998), mas, sobretudo, por ter incorporado o culto aos caboclos, entidades de origem indígena. Na sua avaliação, o terreiro do seu rival se tornara um toré, termo usual à época, em contraposição ao nagô que remetia à origem africana.

Fazendo da “pureza” da sua tradição religiosa a grande motivação de sua vida, Bilina manteve-se na chefia do Terreiro Santa Bárbara Virgem por 60 anos. Desde jovem, organizava e dirigia também um grupo de dançarinas conhecidas como Taieiras, uma herança deixada pela sua mãe como pagamento de uma promessa, com a obrigação de apresentar-se na festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, celebrada no Dia de Reis, conduzindo para a igreja rainhas que eram coroadas pelo padre após a realização da

missa (Dantas, 1972). Manteve-se na direção desse grupo enquanto viveu.

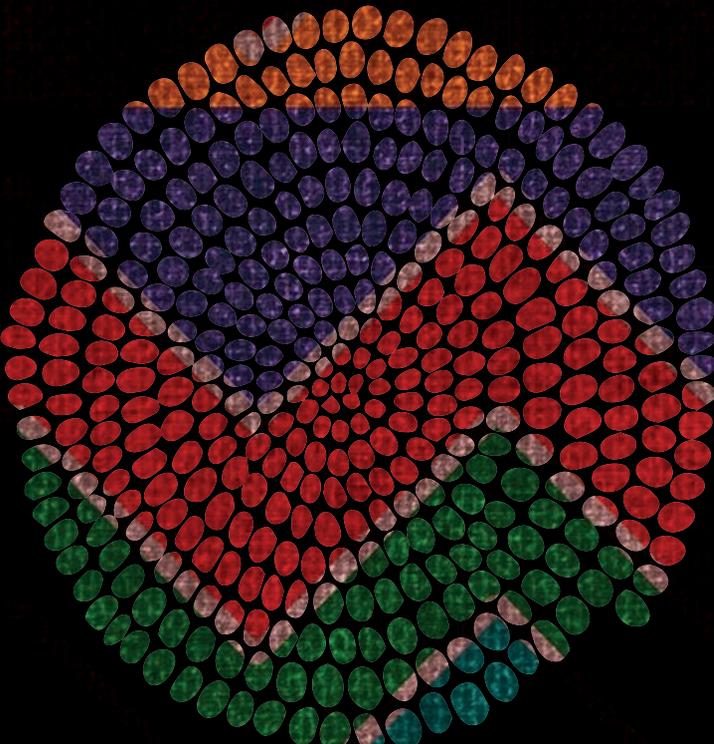
Circulando entre a igreja e o terreiro, Bilina firmou-se em Laranjeiras como uma liderança religiosa respeitada, com trânsito junto a destacadas personalidades como padre, professor, senhores de engenho, fazendeiros e políticos, mas, sobretudo, entre os segmentos populares de onde provinha seu corpo de fiéis. Morreu em 1974, com mais de oitenta anos, e o Terreiro assim como a Taieira são hoje dirigidos por Bárbara Cristina Santos, com apoio de Maria do Espírito Santo (Ciza), uma tetraneta de Herculano da Comandaroba.

Desse modo, o Terreiro Santa Bárbara Virgem, autodenominado o Nagô, persiste como uma vertente da tradição religiosa afro-brasileira em Laranjeiras, cuja configuração atual segue evocando a África, mas abrigando um mosaico de mais de vinte terreiros de múltiplos arranjos que se incluem nas categorias de nagô, candomblé e umbanda, indicando que a dinâmica das religiões, assim como sua história-memória, desde suas origens, se fez e se faz no entrecruzar de forças sociais diversas. **C**



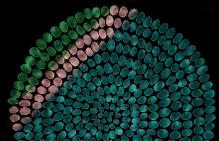
FILHOS
DE OBÁ:

MAIS DE UM
SÉCULO DE
RESISTÊNCIA



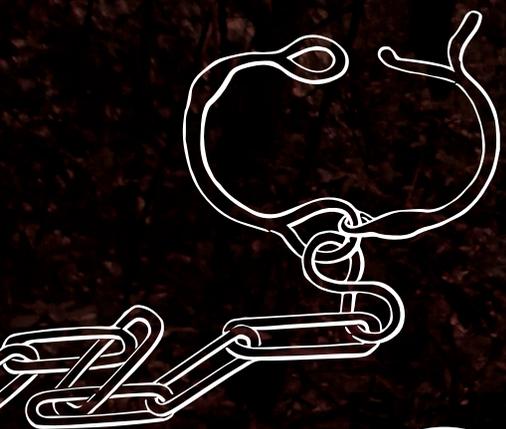
por

Ícaro Novaes
e
Alisson Castro





da abolição ao início de uma nova história



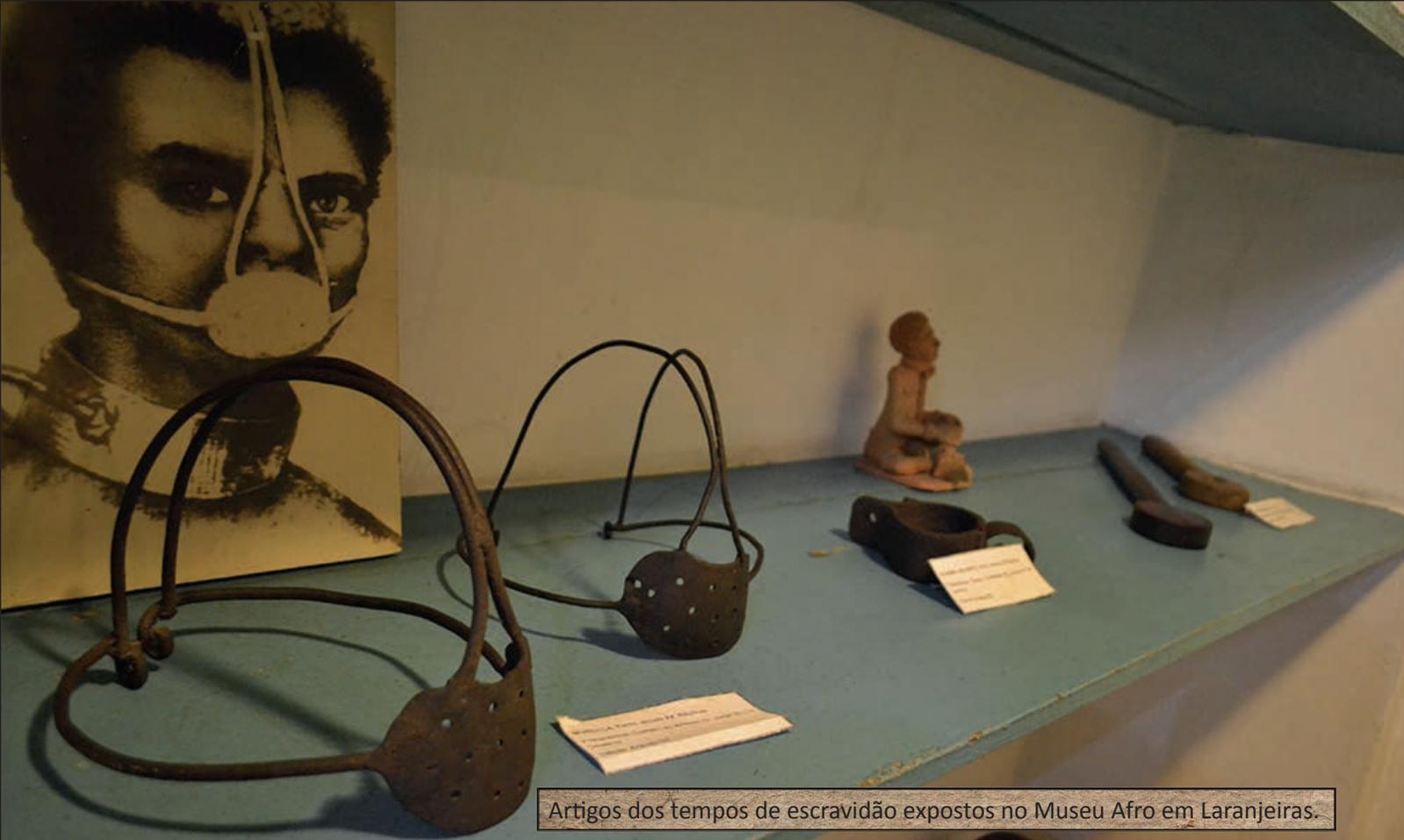
Os sons que ecoam da mata nem sempre são só bichos e folhas sacolejadas pelo sopro do vento. Em Laranjeiras, município de Sergipe, uma reserva de quase seis mil metros quadrados de mata atlântica guarda consigo muitos outros ruídos. O mais importante deles: o grito de resistência. A cidade que é lembrada na história por ser um dos principais polos de exploração e comércio de mão de obra escrava em Sergipe, não imaginava que um grupo de mulheres fariam do seu sofrimento, uma porta para o sagrado. Hoje, a mata é 'domicílio' de um grupo religioso afro-brasileiro que há mais de um século luta por sua existência. Os relatos são presentes, mas essa reportagem começa com as memórias de um século atrás.

As condições eram desumanas. Acorrentados, desvestidos e mal alimentados, os negros vindos de colônias

européias na África se amontoavam nos porões dos navios. Nas travessias oceânicas, a morte era uma realidade — pelo menos para quem estava nos sótãos dessas embarcações. Aqueles que morriam, tinham seu corpo lançado ao mar. A partir da metade do século XVI, esse roteiro se repetiu por diversas vezes, sempre rumo à rica colônia de Portugal na América, o Brasil.

Ainda nessa época, um fato histórico é assunto que gera discussões sobre os reflexos da colonização. Quando os europeus invadiram o mais antigo continente do mundo e aproveitaram-se de rixas tribais para garantir mão de obra barata para suas colônias, não se preocuparam com os desequilíbrios causados com sua interferência em culturas diferentes, muito menos com a herança que marcaria tão profundamente milhões de pessoas, tanto nos seus próprios países quanto no restante do mundo.





Artigos dos tempos de escravidão expostos no Museu Afro em Laranjeiras.



O eurocentrismo não permitiu que eles considerassem o povo negro como semelhante, e talvez por isso os países de maioria cristã tenham deixado de lado a ética religiosa para acorrentar e traficar milhões de pessoas. Talvez, pelo mesmo motivo, os senhores de engenho conseguiram ir à missa após ordenar a decapitação de um escravo seu que havia cometido suicídio, prática que chegou a ser comum quando os primeiros escravos chegaram ao Brasil e que foi relacionada ao “banzo” (espécie de depressão que atingia os recém escravizados que aqui chegavam). Assim, amedrontavam os remanescentes, dizendo-lhes que uma vez sem cabeça, não seriam reconhecidos pelas pessoas que amavam quando chegassem no “Orun”, mundo espiritual da mitologia Yorubá. Ou seja, retiravam-lhes, além de tudo, a liberdade última de se matar.

Sobreviver não foi fácil e as consequências de tanta perseguição são sentidas até hoje. A resistência ainda se faz urgente. É a história de uma comunidade afro-brasileira que resiste há mais de um século que vamos contar a partir de agora.

Laranjeiras

berço das religiões africanas em Sergipe



Pai Alexandre no museu da cidade.



Pai Alexandre em fotografia de arquivo pessoal familiar.



Sede da Sociedade dos Filhos de Obá, em Laranjeiras.

A história se passa em Laranjeiras, no estado de Sergipe. A cidade, uma das mais antigas do país, começou a ser formada em 1605 e foi reconhecida como município em 7 de agosto de 1832. Antes disso, ainda no século XVI, foi local de refúgio dos colonos liderados por Cristóvão de Barros, durante suas empreitadas para expulsar os nativos brasileiros. Nessa época, os portugueses se estabeleceram nas margens do rio Cotinguiba, inclusive construindo um porto, por onde o desenvolvimento da cidade começou.

A "Atenas Sergipana", nome dado por conta do desenvolvimento cultural do município, virou um local de grande prosperidade, através dos engenhos de açúcar instalados na região. Com os engenhos, acomodaram-se ao redor da cidade tanto os donos quanto seus escravos. Foi nessa cidade marcada por desfrutar com tanto êxito da mão de obra escrava que o terreiro "Filhos de Obá" surgiu.

A história contada pela própria comunidade, registra que o primeiro terreiro no qual os cultos eram realizados pelos Filhos de Obá, surgiu logo após a abolição da escravidão, o que leva seus seguidores a suspeitarem que ele seja "o mais antigo" do Brasil. O nome do terreiro foi escolhido em alusão à orixá Obá, que na mitologia lorubá é cultuada como uma princesa guerreira, protetora dos poderes femininos e conhecida por sua coragem e determinação frente aos desafios que enfrentava. O nome revela a disposição de seus seguidores de manter-se firme diante das dificuldades, e é um símbolo de sua luta pela existência ao longo do tempo.

À frente da iniciativa estavam cinco ex-escravas, entre elas uma princesa vinda da costa da África: Maria Joaquina da Costa, primeira lalorixá deste local sagrado, por conta de sua sabedoria em relação aos rituais nagôs. "Tá Joaquina", como é lembrada hoje, era uma figura de suma importância para o terreiro, carregando consigo um status de figura mitológica por todas as histórias que a rodeiam. Foi a partir desta mulher que o terreiro se desenvolveu, seja através dos laços de parentesco, seja por preparação espiritual entre os seguidores.

Alguns anos depois do surgimento do terreiro, a Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá foi fundada, em 1906, e oficializada em cartório em 1909. Desde então, atua como um centro religioso de matriz africana e como uma sociedade filantrópica que atende pessoas da comunidade, no intuito de passar a cultura afrobrasileira para as próximas gerações.

Segundo os relatos dos nossos entrevistados, a primeira sede dos Filhos de Obá foi erguida no centro da pequena Laranjeiras. Mas, com o passar dos anos, e com a aceleração da urbanização, os religiosos se sentiram obrigados a mudar o local do terreiro. Nessa época, autoridades passaram a estabelecer horários limites para as cerimônias religiosas, alegando que as celebrações perturbavam a vizinhança do entorno.

Durante sua trajetória e missão espiritual, Tá Joaquina escolheu para Ihe suceder um garoto que frequentava o terreiro e que ela considerava como filho. Alexandre José da Silva, nascido no ano de 1900, foi preparado desde os cinco anos de idade para assumir a função de líder espiritual dos Filhos de Obá. Acabou por assumir a função ainda criança, com 13 anos de idade, e teve função vital nos desdobramentos que levaram o centro a ser o que é hoje.

Foi durante a liderança de Pai Alexandre que o terreiro foi transferido para o local onde hoje está situado, a cerca de um quilômetro do acesso ao centro comercial da cidade, na rua Jackson de Figueiredo, nas imediações da praça Alexandre José da Silva. Em 1934, o Babalorixá comprou por 30.000 cruzeiros o terreno de quase seis mil metros quadrados, onde ergueu o novo terreiro e a sede da Sociedade dos Filhos de Obá, local que abriga as atividades filantrópicas do grupo.

Contudo, o tempo em que Pai Alexandre esteve à frente do terreiro, foi o de maior perseguição pelos poderes estabelecidos, sobretudo nos primeiros anos, quando vários documentos foram queimados e os cultos precisavam ser realizados às escondidas. Por conta disso, todos os altares (espaços reservados para os orixás) estão voltados para o interior do terreno do centro, numa tentativa de diminuir os ataques perpetrados pelos perseguidores.

O Babalorixá costumava receber visitas de condomblecistas de todo país.





Durante todo esse processo discriminatório, foi preciso que o Babalorixá atuasse também como um diplomata, procurando acordos com personagens importantes da cidade para proteger o centro. Processo comum entre os líderes dos terreiros brasileiros, como aponta Hippolite Brice, antropólogo e especialista em cultura africana no Brasil. “O que as religiões afro-brasileiras precisaram fazer por volta da década de 1930, foi começar a fazer acordos com os poderosos da época, em busca de proteger os seus cultos e diminuir a perseguição. Foi preciso criar conexões com as elites brasileiras em vários estados”. Foi nessa época também que o terreiro começou a adotar os elementos do candomblé de caboclo, misturando-o com o já praticado nagô.

Após a morte do Babalorixá Alexandre, em 17 de janeiro de 1977, vítima de um aneurisma cardíaco, a sua sobrinha e mãe-pequena da casa (segunda pessoa mais importante no terreiro), Cecília da Silva, mais conhecida como Cecilinha, assumiu a função de lalorixá. Dois anos depois, ela começou a liderar alguns rituais do terreiro seguindo fielmente os ensinamentos de Pai Alexandre. No entanto, apesar de ser conhecida como uma ótima anfitriã, em sua época como líder, o terreiro ficou “inativo”. Essa denominação é dada pelos candomblecistas quando alguns rituais não podem ser executados por conta de obrigação não realizada em relação ao Babalorixá anterior, no caso, pai Alexandre.

Somente 22 anos após a morte de pai Alexandre é que o terreiro foi “reaberto”, em meados do ano de 2000. A responsável foi Ginalva Costa Santos, nascida em Aracaju e filha de Marieta Santos. Atualmente, Ginalva ocupa o cargo de presidente administrativa da Sociedade de Cultos Afro Brasileiros Filhos de Obá. Para “reabrir” (estar apto a receber todos os rituais) o local sagrado, “Mãe Ginalva” precisou cumprir uma série de obrigações espirituais que duraram cerca de oito anos, antes mesmo de assumir a liderança do local. A atual lalorixá mudou-se para o Rio de Janeiro ainda quando criança, levada por sua mãe. No entanto, ela diz que sempre sentiu uma conexão com sua espiritualidade africana, percebendo em sonho e em visões o chamado para prosseguir com as tradições de sua família. “Eu estava refletindo sobre a espiritualidade do sítio quando recebi os chamados dos orixás. São por sons que não dá para explicar. Encontrei praticamente tudo destruído”, frisa.

Seguindo o chamado dos Orixás e o convite de seu tio-avô, padrinho e pai de santo Alexandre, Mãe Ginalva, em meados de 1992 voltou ao terreiro, e após três anos de preparação assumiu a responsabilidade de ser lalorixá do local. Foi através dela que todos os rituais foram recuperados e que o centro ganhou as características que notamos atualmente.

Intolerância, perseguição e resistência

“Logo quando eu decidi entrar na religião, eu sofri bastante preconceito com a minha família. Só restou minha mãe e minha irmã. Quando decidir ‘me iniciar’, foi bem pior. As pessoas se afastam, acham que estou entregando a alma ao diabo, coisas que não existem”.

O depoimento de Breno Manaim Santos, filho de santo e seguidor da religião Filhos de Obá, é apenas um fragmento das múltiplas dificuldades enfrentadas por essa comunidade afro-brasileira ao longo do seu século de existência. Na ótica de Brice, esse tipo de comportamento tem origem ainda no período da colonização do país. “Os ataques que as religiões de matriz africana sofreram durante esses anos todos, e ainda sofrem, seja pelos poderes constituídos ou por outras religiões, é decorrente de uma cultura negativa que foi criada em cima desses cultos, e que possuem uma grande carga de preconceito e racismo, por conta de como se deu a colonização brasileira e a falta de respeito dos colonizadores em relação aos costumes dos diferentes povos que constituíram a trajetória brasileira”, pontua.

O Museu Afro-brasileiro de Laranjeiras, por si só, atesta as memórias dos tempos de tortura dos negros no estado de Sergipe, ainda na época da escravidão. Mordaças, chicotes e troncos eram os principais castigos para aqueles que insistiam em praticar as suas cerimônias e ressaltar as suas identidades ancestrais, e os efeitos dessa perseguição continuaram mesmo após o fim da escravatura.

Conforme o pesquisador Hippolite, o cenário das religiões afro-brasileiras se altera ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. A imposição da Igreja Católica na sociedade desencadeia um sincretismo religioso na maior parte das religiões afro-brasileiras. “Essas religiões, em certo sentido, tendem a absorver ou a se adaptar às diferentes correntes religiosas do local. Por exemplo, o catolicismo como religião oficial, se impôs e o candomblé precisou se adaptar e houve uma equiparação das divindades do panteão católico com as do panteão afro-religioso”, explica.

“ Há uma grande carga de preconceito e racismo, por conta de como se deu a colonização brasileira e a falta de respeito dos colonizadores em relação aos costumes dos diferentes povos que constituíram a trajetória brasileira. ”



Breno, à esquerda, desabafa: sofri bastante preconceito.



(Acima)
Artigos utilizados
pelos Filhos de Obá.

Mas, os Filhos de Obá não aderiram a esse sincretismo, o que muito se deve ao Pai Alexandre, que foi precursor de uma política de acordos, mas também de imposição da sua figura como Babalorixá. Conseguiu, dessa forma, manter sua cultura e religião viva, com pleno funcionamento do terreiro dos Filhos de Obá por muito tempo. “Os filhos de Obá se destacam na resistência por, justamente, não fazer essa equiparação. Os orixás são cultuados de acordo com os nomes do panteão afro. Isso sem dúvida trouxe uma série de dificuldades a mais para eles”, observa Brice.

Com a chegada da década de 1970, surgem novas linhas religiosas, a exemplo das pentecostais e neopentecostais que, em consonância com a Igreja Católica, também passam a perseguir as práticas oriundas do Candomblé. “Eu acredito que esses ataques às religiões de matriz africana estão relacionados com a tentativa de atrair mais fiéis e de criar uma disputa de poder e relevância entre as religiões”, avalia Brice. E foi alguns anos antes da chegada da lalorixá Ginalva em Laranjeiras que um desses ataques a um centro de Candomblé ocorreu. “Um barracão nosso foi destruído dentro da mata. Era um tipo de coisa que eu não esperava. Tinha a perseguição policial e da Igreja (Católica). Um determinado padre, em específico, comandava as ações”, resume Ginalva.

Culto a Exú

Um aspecto em especial causou uma perseguição ainda maior aos Filhos de Obá. O fato de não se negarem a cultuar o orixá Exú – considerado, preconceituosamente, como uma divindade maligna, uma representação do demônio cristão. “Em todas as religiões existem pessoas boas e ruins, pessoas que querem o bem e o mal para os outros. No entanto, recai apenas para as de matrizes africanas essa característica de ser ruim. Exú é uma divindade que simboliza os caminhos, é o mensageiro e guardião das casas e pessoas. Não existe demônio na nossa religião”, desabafa mãe Ginalva.

Por conta das representações com símbolos pagãos e de oferecerem ao orixá cachaça e fumo é que se criou essa polêmica em relação às cerimônias nas quais Exú está envolvido. Além disso, ver o “gentio”, forma pejorativa que designava os negros, dançando e festejando com símbolos pagãos, incomodou a Igreja Católica, que detinha o papel de destaque nos rumos do país. “A perseguição também está relacionada com a cultura racista do Brasil, porque o racismo está em tudo por aqui. Embora declarem que não. Eu acho visível, porque o racismo está em tudo por aqui. Embora declarem que as religiões têm que ter assegurados seus direitos de existir e de serem respeitadas”, relata Hippolite. Na Mata Atlântica dos Filhos de Obá, as esculturas que remetem a Exú são guardadas numa pequena edificação, criada não somente para abrigá-lo, mas também para protegê-lo das invasões na mata.

Mata Atlântica: palco dos cultos e casa dos orixás

Não era somente a intolerância religiosa que ameaçava a paz do terreiro, mas os cultos internos da religião perdiam cada vez mais sua privacidade em decorrência da centralização de casas e comércio na região central da cidade. Só então, com a oportunidade de deslocamento do terreiro, foi que os religiosos descobriram um potencial espaço para seus cultos sagrados: uma reserva de Mata Atlântica de aproximadamente seis mil metros quadrados, às margens da rodovia Senador Valter Franco, que corta Laranjeiras.

A relação dos Filhos de Obá com a natureza não é uma exclusividade do Centro. O antropólogo Brice afirma que na África, as crenças e a natureza são elementos inseparáveis. “Lá existe um ditado que diz: ‘sem mato, sem erva, não há religião’. Porque são religiões que buscam na natureza os elementos para o exercício da sua espiritualidade”, pontua.

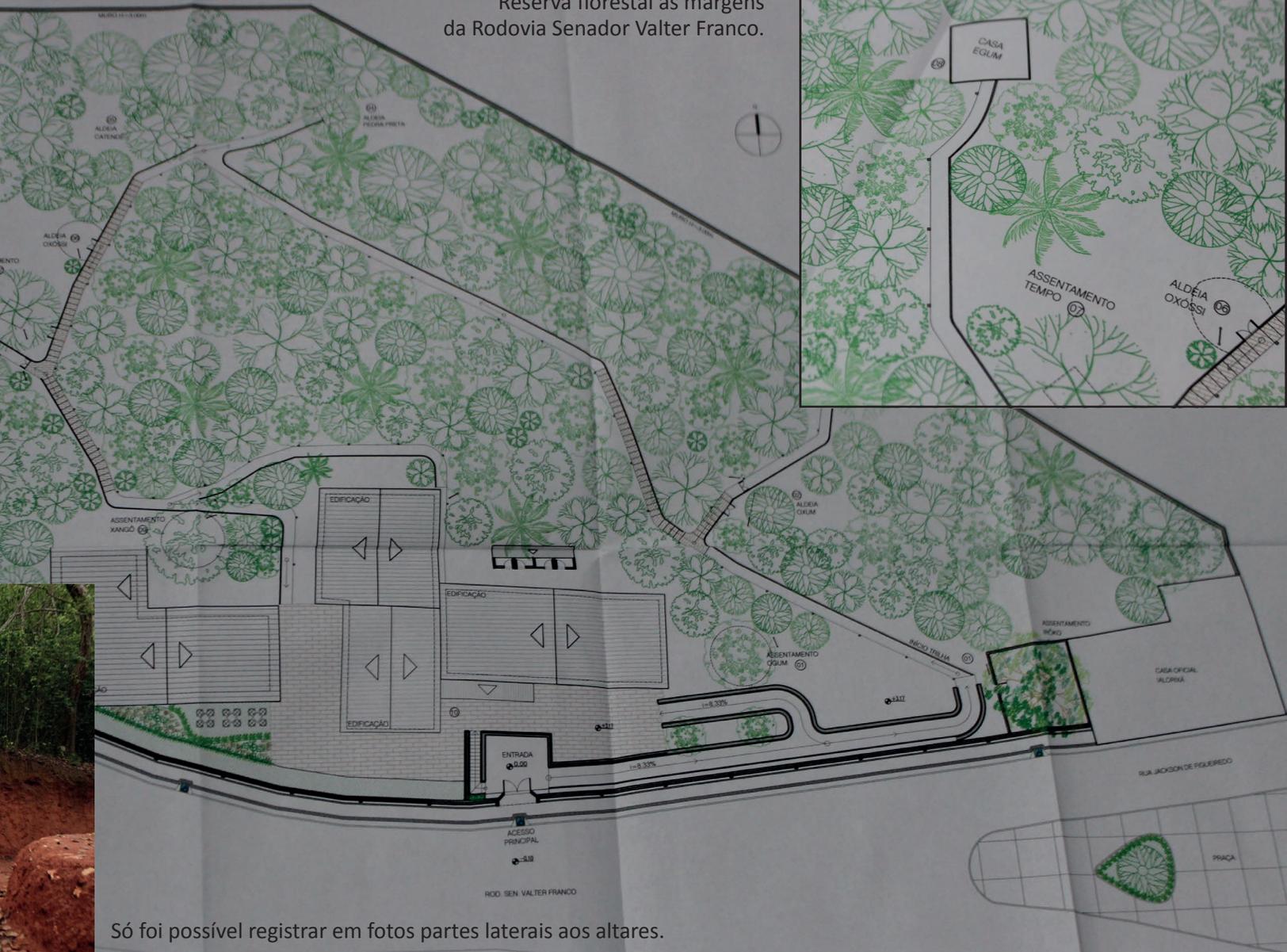
E foi justamente por esse aspecto que a atual sede da Sociedade Filhos Obá caiu tão bem na época. Os religiosos ficaram responsáveis pela área ambiental, e dentro da área de vegetação robusta, concentraram em oito pontos distintos os assentamentos destinados aos orixás — locais onde se realizam as cerimônias religiosas. O elemento ‘mata fechada’ tratou de dar privacidade aos ritos internos e de reenergização dos orixás. Dos oito assentamentos, nossa equipe percorreu sete deles — sem poder registrá-los em fotos, por exigência da lalorixá Ginalva. O único assentamento que não pôde ser conhecido por nossa equipe foi a Casa de Egum, que segundo Edilma Chagas, somente alguns religiosos mais antigos têm autorização para entrar. “Nem eu posso ir até lá. É preciso avançar etapas, preparação, que

pode durar anos para poder participar dessas cerimônias”, explica a filha de santo. A permissão para visitar um desses assentamentos é uma regra seguida à risca no Candomblé.

As manifestações religiosas em cada um dos assentamentos ocorrem uma vez por ano. É o que os fiéis chamam de ‘reenergização dos orixás’. Esses ritos, segundo a comunidade, são semelhantes às práticas que acontecem no continente africano, berço da religião. Essas cerimônias são totalmente exclusivas aos Filhos de Obá e delas participam somente aqueles com cargos aptos para tal. Os



Reserva florestal às margens
da Rodovia Senador Valter Franco.



Só foi possível registrar em fotos partes laterais aos altares.

eventos podem conter sacrifícios, oferendas e manifestações dos próprios orixás. Cada assentamento fica localizado na parte inferior de grandes árvores, selecionadas propositalmente pelos religiosos. As mais comuns são as gameleiras, que têm suas folhas utilizadas no preparo da 'água sagrada' nos rituais da cultura afro-brasileira; e jaqueiras, que estão entre as árvores sagradas para a mitologia iorubá. Esses locais trazem esculturas distintas, que retratam cada um dos orixás. Em uma das extremidades da floresta, os Filhos de Obá criaram a Aldeia dos 'Caboclos', mais um espaço

destinado a cerimônias religiosas. Esse, em específico, põe em destaque uma grande jaqueira numa elevação de barro, cercada por um círculo de pedras, galhos e mais barro — nos foi permitido registrar apenas a lateral do espaço.

Cada uma das árvores e ervas presentes na floresta dos Filhos de Obá tem alguma importância na cultura deles. Folhas, raízes e o próprio tronco têm significados espirituais e até mesmo finalidades curativas. "Sem folhas não existe Candomblé. Em canto algum do mundo. Da mata tiramos ervas essenciais para nossa cultura", pontua Ginalva.

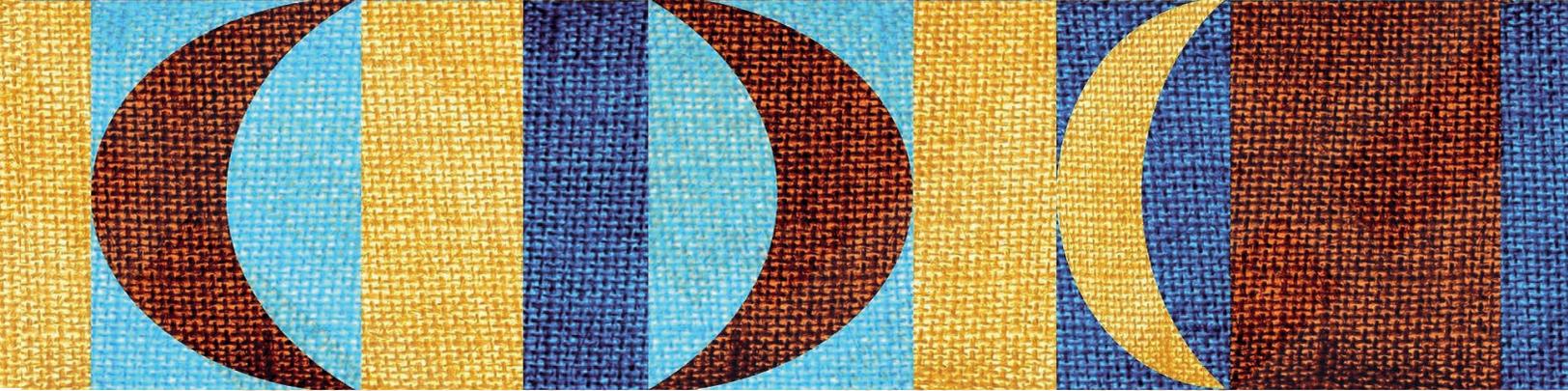


Patrimônio histórico e importância cultural

Os costumes e mitos do terreiro são passados através da oralidade. É nos momentos de conversas, desde que os integrantes e os frequentadores são pequenos, que a herança mitológica é repassada para as próximas gerações. É através desses relatos que figuras antigas do terreiro são enaltecidas, que seus feitos viram inspiração e que a sensação de pertencer a um lugar especial toma conta das memórias de quem teve a chance de receber de herança as histórias dos mais velhos. Mas, mesmo as histórias e figuras de ancestrais ainda bastante vivas e inspiradoras na trajetória dos Filhos de Obá, o elemento 'futuro' é algo comentado com muita cautela por Ginalva. Manter a pureza da cultura, seguir metodicamente a vida espiritual de um candomblecista e passar isso para as gerações futuras emanam um caminho de dificuldades pela frente.

Breno Manaim, Edilma Chagas e Thiago Chagas, todos filhos de santos, vêm sendo preparados para seguirem adiante com a religião. Para isso, precisam seguir certos procedimentos religiosos. Eles estão cientes de que, para que um dia venham a desempenhar um cargo importante à frente do terreiro, devem renunciar a elementos de uma vida social e viver espiritualmente devotados aos orixás. "Eu tenho adotado como missão preparar os filhos de santo para o futuro. Eu enfrentei dificuldades, e espero deixá-los preparados para também conseguir enfrentá-las", planeja a mãe da Casa.



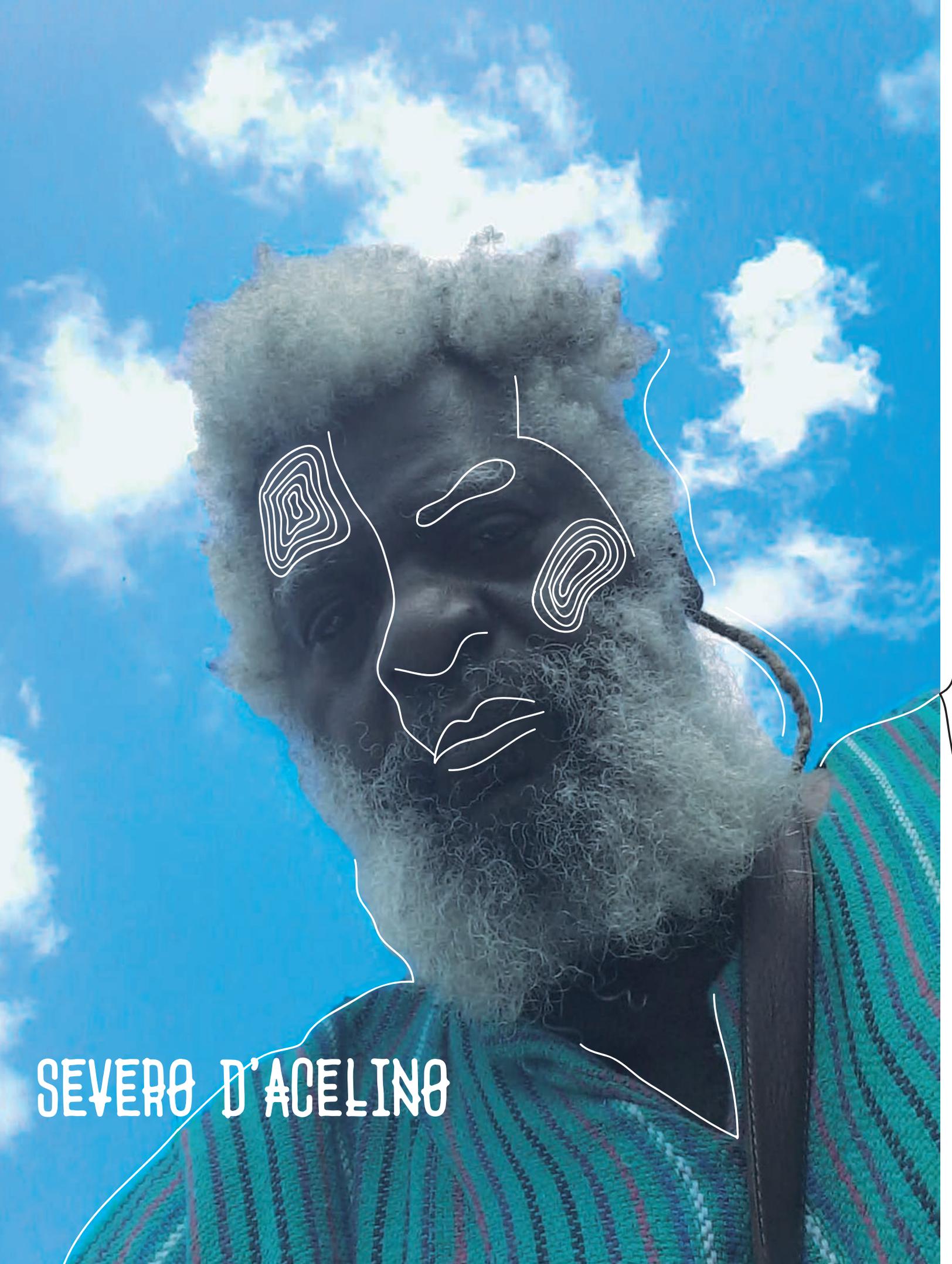


Projetos sociais e tombamento

Além de ser um local para rituais sagrados, a área onde o terreiro está situado também dá lugar à sede da Sociedade de Cultos Afro-Brasileiros Filhos de Obá, entidade que possui um vasto trabalho social. Cursos de corte e costura, culinária, alfabetização de crianças, etnoculturalismo, danças afro e as atividades da banda “Afro Axé Obá Unile” são oferecidas à comunidade externa como forma de passar para frente a identidade afro-brasileira.

Por todo esse trabalho de preservação da Mata Atlântica e de propagador da cultura afro-brasileira, o terreiro “Filhos de Obá” foi tombado como patrimônio histórico do estado de Sergipe, pelo Conselho Estadual de Cultura de Sergipe, em 4 de novembro de 1988. O tombamento foi formalizado pelo decreto 10.010, assinado pelo então governador Antônio Carlos Valadares, por conta do seu valor como “referência cultural, política e histórica” da comunidade afro-brasileira em Sergipe. Outro processo de tombamento ainda está em andamento, dessa vez, na esfera federal. Ele foi instituído em outubro de 1994, e ainda está sob análise. Reivindica-se o tombamento por conta da importância do terreiro como “maior ponto de irradiação da cultura negra em Sergipe”.

O reconhecimento é imprescindível. O legado dos Filhos de Obá seguirá com a mesma determinação que a orixá guerreira, homenageada com o nome do terreiro, combatia seus inimigos. É com seu vigor que as novas gerações serão ensinadas a orgulhar-se das suas origens e, por fim, continuar resistindo. 



SEVERO D'ACELINO

POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DO

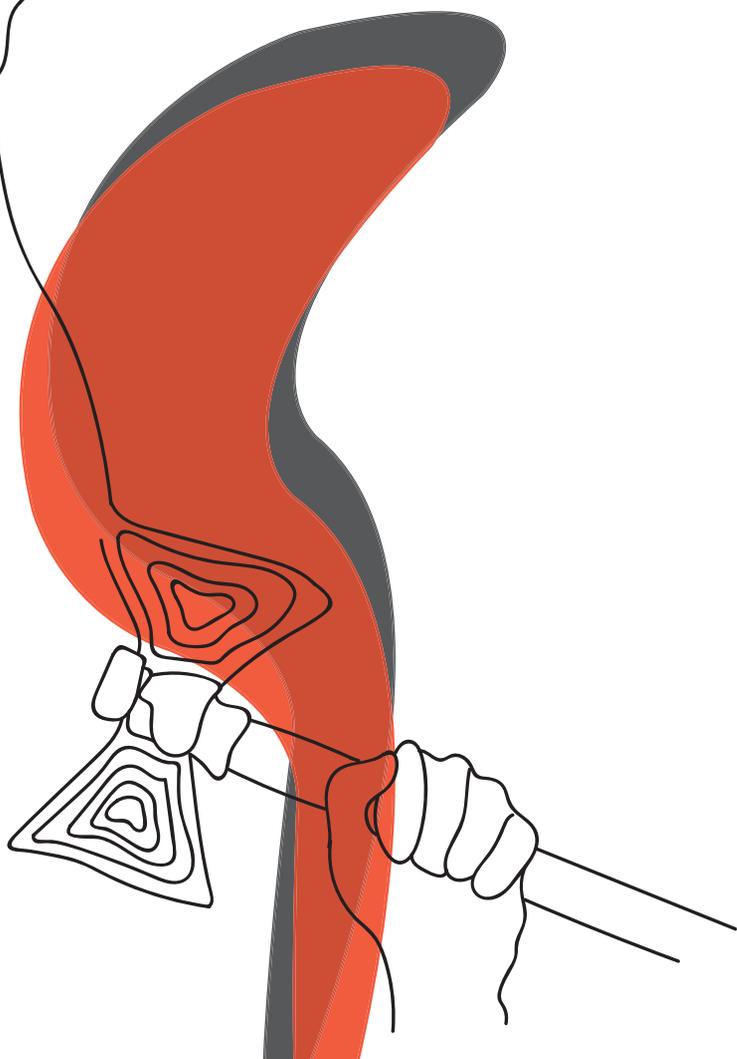
NEGRO É CADA VEZ PIOR EM SERGIPE

por Aldaci de Souza

A MUDANÇA SÓ COMEÇARÁ QUANDO HOVER RECONHECIMENTO NOS ESPAÇOS DE PODER

Falar sobre a cultura negra sergipana é destacar a figura do ator, produtor cultural e pesquisador Severo D’Acelino, um lutador ferrenho contra todo e qualquer tipo de preconceito à raça negra. “Fundador do Movimento Negro Contemporâneo”, ele destaca a dificuldade de ser negro em Sergipe. D’Acelino costuma dizer que sua luta anti-racista é debochada, principalmente por membros da sua raça e comunidade. E que a política de valorização do negro está cada vez pior.

“Gigante pela própria natureza”, D’Acelino lamenta ser discriminado sistematicamente por negros e negras, principalmente nos espaços de poder. “É difícil ser negro em Sergipe e pior se este negro é Severo D’Acelino. Estou num grupo de Estudos de Escrituras Negras, para me sentir vivo e produtivo através da releitura da minha pessoa, pelos membros do grupo e por mim mesmo, numa revisitação à raiz para revitalizar o corpo e a alma escarificada”, ressalta acreditando que a política de valorização do negro no Estado, dar-se-á quando os negros nos espaços de poder começarem a se ver e a se reconhecer, se identificando em negros num espaço racista, sem os olhos do opressor.



“AQUI O NEGRO FAZ FESTA PARA BRANCO. UM ESTADO NEGRO SEM CULTURA NEGRA”

EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

“De repente vamos descobrir que o maior opressor do negro é o próprio negro, com manias senhoriais, os chamados hospedeiros. A política de valorização do negro está cada vez pior, subserviente, idiotizada e infeliz, sem nenhum propósito objetivo, sem metas e sem nada. Aqui o negro faz festa para branco. Um Estado negro, sem cultura negra, sem espaços para negros, um paraíso para os brancos genéricos. Eu conheço todos os municípios sergipanos. Em Laranjeiras, vemos gente preta defendendo o prefeito branco, alemão, e sua família real na prefeitura, que subjuga as lideranças pretas”, lamenta.

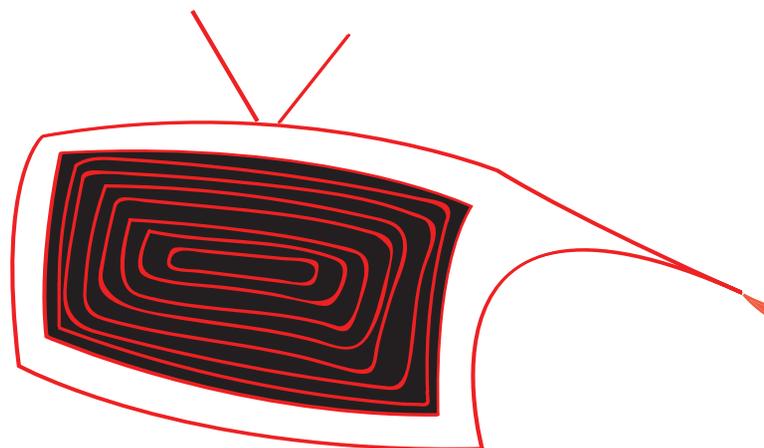
Para Severo D’Acelino, é importante lutar pelo que se é na resistência cultural e formação da identidade. Ele costuma afirmar que por um lado, sua vida se resume à expectativa de uma ação de constante movimento em torno da temática negra e do negro como sujeito coletivo do direito. “Por outro lado, há uma insatisfação e um desespero terrível por não ser respeitado e reconhecido em minha terra por minha gente e viver na clandestinidade, fugindo dos que nos espaços de poder, viram agentes da repressão. Acredito que só nós mudamos, crescemos e envelhecemos mais e buscamos respostas para as perguntas que fizemos e, continuamos a fazer. Parece que as respostas devem ser construídas por nós”, entende.

Severo se dedica à pesquisa e divulgação de material sobre Jacinta Clotilde do Amor Divino, a escrava sergipana que casou aos 14 anos com o Cônego Antônio Luiz Azevedo, e se tornou senhora do engenho na cidade de Estância. A história de Jacinta é fascinante e o faz chorar. Escrava em uma comunidade de analfabetos, ela teve seis filhos e foi educadora de todos eles (se tornaram professores, advogados, filósofos). O filho mais novo foi o soldado Francisco Camerino, que lutou na Guerra do Paraguai.

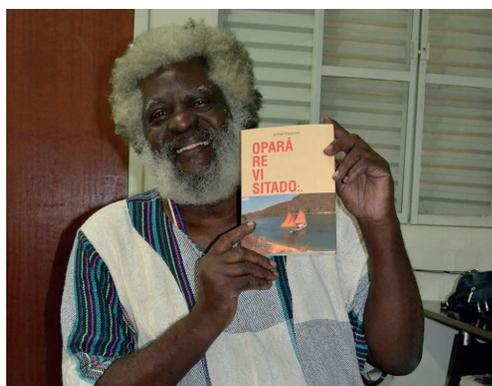
“Jacinta Clotilde do Amor Divino era uma escrava Bantu da propriedade do Cônego Azevedo, em Estância. Ela é o retrato da mulher africana no seu exercício matriarcal. Muito calma e inteligente, teve seis filhos com o padre, alfabetizou todos, foi alfabetizada e aprendeu línguas com o marido. Administrou o Engenho Palmeira, se relacionou com os demais negros, índios e ciganos, sendo uma liderança para além do engenho, com intervenções contra os traficantes de escravos, mercadores e negros caçadores. O quilombo de Porto do Mato e o grande litoral de Estância, na desova dos corpos e desembarque de escravos, foram o seu cenário de lutas através dos seus amigos quilombolas. Uma libertária, de perfil majestoso; uma matriarca de força austral e sedutora denotando a sua linhagem de austeridade”, relata.



D’Acelino conta que o enfrentamento do dia a dia era determinado pelas ações protetivas dos seus filhos e organização do Engenho Palmeira. “Muito respeitada pela sociedade local, pelos negros e odiada pelos traficantes, ela revolucionou principalmente pelo empoderamento e qualificações. Sabia ler e escrever numa sociedade em que as mulheres eram analfabetas. Com a morte do marido e enfrentamento de conflitos internos, Jacinta buscou apoio na luta da revolta escrava na Bahia e contra o cativeiro. Há uma ação no legislativo para homenageá-la junto às mulheres que se destacam nas lutas contra as violações de direitos a nível estadual. No município de Arauá há uma Comenda para lembrar os feitos desta escrava empoderada. Ela se projeta no Memorial das Mulheres que se destacaram no Brasil pela sua luta: Maria Conga, Chica da Silva, Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Thereza de Benguela, Aqualtune Acotirene, Tereza do Quariterê, Zacimba Gaba, Maria Filipa, Zeferina e tantas outras guerreiras da resistência negra”, elenca.



Atuação na novela *O Velho Chico*



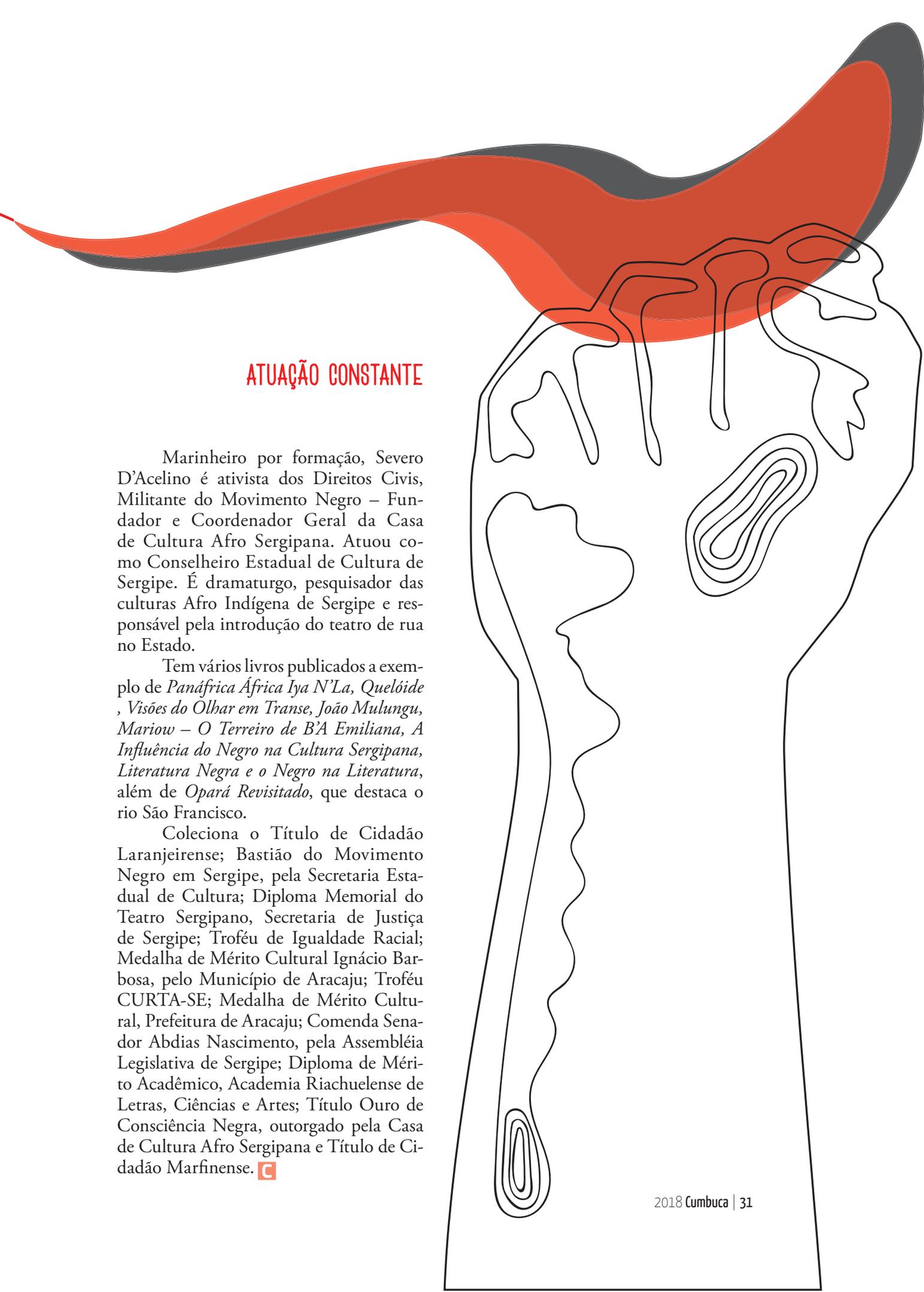
Lançamento do livro *Opará Revisitado*

DESTAQUE COMO ATOR

Como ator, Severo protagonizou no cinema o personagem Galanga Gonguemba Iybiala Chana, conhecido por Chico Rey. Atuou na Rede Globo de Televisão como Candelário, em *Espelho D'Água* e como Alfredão, no seriado *Tereza Baptista Cansada de Guerra*; produziu e dirigiu o documentário etnográfico: *Filhos de Obá*, apresentado no Congresso Internacional de Culturas Negras das Américas, África e Caribe. Atuou na novela *O Velho Chico* (2016), como o Capitão Eugênio Etóle, personagem da barca encantada e responsável pelas histórias relacionadas ao rio São Francisco.

Teve a experiência construída do exercício como ator e diretor na dramaturgia sergipana, por meio do sorrir, do brincar e sobretudo, do encontro com o fazer cultural para exemplificar ações. “Acredito que o cineasta Walter Lima Jr. tenha contribuído muito para minha performance, visto que a formação empírica foi mais forte que a acadêmica na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Aqui tive muitos exemplos, de João de Barros, Jorge Lins e Adnil, todos somos responsáveis pela formação de terceiros, é tudo como uma ação coletiva”, acredita agradecendo ainda a força recebida do jornalista Carlos França.

“Quanto à novela *O Velho Chico*, o reconhecimento foi instantâneo em todo canto onde o sergipano se encontrava. O impacto do Capitão Eugênio foi grande e todos se orgulharam não só por eu ser sergipano, mas sobretudo, negro, militante, interpretando um personagem graduado, com toda a expressão e identidade negra. Mas, isso não valeu para que eu fosse reconhecido e respeitado nos espaços de poder”, enfatiza.



ATUAÇÃO CONSTANTE

Marinheiro por formação, Severo D’Acelino é ativista dos Direitos Civis, Militante do Movimento Negro – Fundador e Coordenador Geral da Casa de Cultura Afro Sergipana. Atuou como Conselheiro Estadual de Cultura de Sergipe. É dramaturgo, pesquisador das culturas Afro Indígena de Sergipe e responsável pela introdução do teatro de rua no Estado.

Tem vários livros publicados a exemplo de *Panáfrica África Iya N’La*, *Quelóide*, *Visões do Olhar em Transe*, *João Mulungu*, *Mariow – O Terreiro de B’A Emiliana*, *A Influência do Negro na Cultura Sergipana*, *Literatura Negra e o Negro na Literatura*, além de *Opará Revisitado*, que destaca o rio São Francisco.

Coleciona o Título de Cidadão Laranjeirense; Bastião do Movimento Negro em Sergipe, pela Secretaria Estadual de Cultura; Diploma Memorial do Teatro Sergipano, Secretaria de Justiça de Sergipe; Troféu de Igualdade Racial; Medalha de Mérito Cultural Ignácio Barbosa, pelo Município de Aracaju; Troféu CURTA-SE; Medalha de Mérito Cultural, Prefeitura de Aracaju; Comenda Senador Abdias Nascimento, pela Assembléia Legislativa de Sergipe; Diploma de Mérito Acadêmico, Academia Riachuelense de Letras, Ciências e Artes; Título Ouro de Consciência Negra, outorgado pela Casa de Cultura Afro Sergipana e Título de Cidadão Marfinense. 

Ilustrações: Carol Patriarca



por Raimundo Venâncio

BILLIE HOLIDAY, A CANÇÃO: UM ESPETÁCULO DE RESISTÊNCIA, GENUINAMENTE SERGIPANO

Quem vê hoje o sucesso do musical dramático *Billie Holiday, a Canção* — acolhido pelo público e pela crítica desde o primeiro momento em que estreou nos palcos —, sequer imagina o seu penoso começo, antes desse inegável sucesso.

(...) *“Mergulho profundo e de altíssimo nível na alma artística, dramática e atemporal da maior intérprete de jazz de todos os tempos. Tânia Maria está SUNTUOSA!”* **Zêq Oliver, cantor e professor de canto.**

O projeto que nasceu da escrita sensível e olhar poeticamente intuitivo de Hunald de Alencar, uma das mais importantes expressões da literatura e dramaturgia nordestina, e que carrega a verve de nossa herança cultural, sofreu profundo preconceito em sua terra de origem, tal como também sofreu em sua terra a personagem homenageada no texto, de autoria do poeta sergipano Hunald de Alencar — a jazz vocal norte-americana, Billie Holiday. “Vou escrever um monólogo para Tânia Maria interpretar e Raimundo Venâncio dirigir”, falou entusiasmado o poeta Hunald a um amigo, após assistir a uma apresentação musical de Tânia, em Aracaju. Sendo ele muito fã daquela que foi consagrada a maior cantora de jazz de todos os tempos, a emblemática Billie apelidada de “Dama das Gardênias”, que cantava o amor e a dor como poucas mulheres em todos os tempos, percebeu no timbre da voz de Tânia muita similaridade com o timbre da sua voz. Viu então, ali, a grande oportunidade de escrever sobre a vida de sua valiosa musa jazzística, ambicionando levá-la dramaturgicamente ao palco, sonho há muito idealizado! E “foi assim que tudo come-

çou”, como diz a personagem no início do espetáculo.

Aceitado o desafio, entrou em cena a equipe de profissionais cuidadosamente escolhida para tecer a estética do trabalho, sob a minha direção geral: o músico Bluesvi Santos, para compor a canção original, com poesia de Hunald; a atriz e diretora Yra Santos, responsável pela direção de ator, e que fez um trabalho de grandeza singular no quesito interpretação; o artista multifacetado Eduardo Freitas, de grande capacidade técnica para a criação do figurino e visagismo; a jovem atriz e maquiadora Julieles Ramos, para pensar a maquiagem e a caracterização da personagem; a bailarina e coreógrafa Cleanis Maria, encarregada da expressão corporal da atriz; o conhecido iluminador de muitas produções no estado, Dênys Leão, para criar a atmosfera das cenas através da luz; o sonoplasta Nigroh Horgin para a execução da trilha sonora; os jovens Pedro Fontes na fotografia, e Ruriá Araújo na arte de todo o material gráfico; a maestrina e diretora musical Lina Sousa, para a direção vocal de Tânia no estúdio e para ajustes técnicos instrumentais; e no trabalho de orientação da língua inglesa, a cantora e professora de inglês Simone Rigo.



Além da participação de outros artistas na equipe, como colaboradores, a exemplo do artista plástico Carlos Santana, do ator Sandro Américo e da atriz e diretora teatral, Virgínia Lúcia.

O projeto foi inscrito no edital para montagem de espetáculos de Artes Cênicas da SECULT, mas foi recusado pela Comissão de Seleção, apesar do alto nível da equipe envolvida e da cuidadosa elaboração do portfólio apresentado: uma caixa personalizada contendo um kit de itens pretensos à produção da montagem como esboços do cenário, figurino e visagismo, camisa personalizada, Box com CD/DVD (único entregue neste molde), elogiado até mesmo pelos colegas concorrentes através de comentários. O argumento para essa desclassificação foi o de que ele não dialogava com Sergipe e que nem a cantora e atriz sergipana Tânia Maria não teria condições técnicas de interpretar e cantar Billie Holiday. *“Vi a própria Billie no palco. Eu não sabia quando era Tânia Maria ou Billie. As duas em uma me emocionaram do começo ao fim”* **Hortêncια Barreto, artista plástica**. A justificativa insensata instigou o professor de Estética no Departamento de Filosofia da UFS, Romero Venâncio, a escrever um artigo com o título *“Uma certa Billie Holiday em Sergipe”*, onde diz: *“Arte que merece o nome não tem pátria privativa, pertence ao mundo”*. *“(…) Billie Tânia Maria Holiday passa pelo*



Recife como uma Baronesa, planta que invade as águas do Capibaribe após dias de muita chuva, como uma flor do mandacaru, como o canto do Acauã, como um gole de uma cachaça boa limpando a garganta...” **Moisés Monteiro**, doutor em Letras pela UFPE, pesquisador, professor, escritor, atuante há mais de 30 anos no teatro, na crítica **Billie Holiday, a Canção**. Depois do abatimento inicial pela sua não aprovação, mas cientes de que tínhamos em mãos algo precioso, nos jogamos de corpo e alma no Projeto. Arregaçamos as mangas e pusemos as mãos na massa, certos de que só estávamos transpassando um obstáculo. Foram exatos um ano e quatro meses de intenso debruce sobre o trabalho, de segunda a segunda, em horas a fio de muita entrega. O sucesso veio logo na pré-estreia, que aconteceu em maio de 2016, durante quatro dias, no Teatro João Costa — Centro Cultural de Aracaju — e depois em uma temporada de 20 espetáculos no Teatro Lourival Baptista.

A estreia foi tão impactante que muito cedo se espalhou a notícia de que *Billie Holiday, a Canção* era a maior produção do teatro sergipano dos últimos 30 anos! Motivos: primeiro pelo status de uma superprodução; segundo pelo ineditismo de levar ao teatro, pela primeira vez, pessoas da mais alta estirpe da sociedade intelectual sergipana para assistirem a uma produção local; e terceiro por pagarem bem para ver o nosso teatro. O

Foto esq.: Pascoal Maynard
Foto dir.: Pedro Fontes



fato é que as pessoas ficaram estupefatas e incrédulas diante de uma montagem audaciosa, germinada em nosso território, mas tratando de temas universais. Uma montagem tipo exportação, feita aqui em nossa pequena e ainda subestimada Aracaju. “(...) O espetáculo merece mais, Tânia canta e encanta! (...) A encenação é digna dos espetáculos ‘off Broadway’ em cartaz em algumas salas em São Paulo, e o melhor, com artista aracajuana!” **Berg Bergman, produtor artístico.** Assim, o espetáculo vira uma unanimidade em Sergipe, tornando-se um divisor de águas no teatro sergipano no “quase apático” cenário atual em que se encontra o nosso fazer teatral. “A sensação era de estar vendo as vísceras da personagem” **Rita Simone, jornalista e cineasta.**

Os convites vieram ainda em Aracaju durante a primeira temporada. Logo Billie já estava em Recife, onde ficou em cartaz durante três dias no espaço “O Poste Soluções Luminosas”, à beira do rio Capibaribe, com lotação máxima nos dias em que lá aportou, deixando os pernambucanos abismados com a qualidade de nossa produção. Só em Recife, três críticas extremamente favoráveis foram escritas sobre o espetáculo: “(...) E viva Sergipe! Que nos manda esta peça que o Recife injeta nas veias ou traga com olhos cheios d’água. Dá um arrepio olhar para essa atriz: garganta estourando, pulmões atrás da nota, de interpretar essas músicas que vão nos matando

suavemente, nos estraçalhando, dilacerando! Billie morreu, parece, com os 750 dólares enfiados num orifício qualquer. Tornou-se emblemática e agora está na minha cidade, trazida por uma atriz tão importante! Obrigado, Tânia Maria, obrigado a todos vocês, por tanta poesia derramada em (anti?)palco pernambucano!” **Idem Moisés Monteiro.** Depois, no Festival de Jazz e Improvisos da Macuca, em Correntes, Pernambuco, cujo convite rendido foi para irmos a Atlanta, também nos Estados Unidos. Em seguida, foi a vez do Teatro Café Rubi, no Hotel Sheraton da Bahia (atual Wish Hotel da Bahia), em Salvador, que esteve lotado nos dois dias em cartaz, e impactando igualmente os baianos com depoimentos tocantes. “(...) Fiquei extremamente emocionado pela verdade, pela honestidade, na verdade do texto e da interpretação de Tânia! É um espetáculo que vai direto no coração, é altamente comovente! E essa verdade artística, essa honestidade dela no palco, a forma como ela transmite isso, é uma memória que eu vou levar dentro de mim pra sempre!...” **Fausto Matos, relações públicas.** Na sequência, veio o sucesso na Mostra SESC Cariri de Culturas, no Crato, Ceará, em que foi o único espetáculo cujos ingressos foram distribuídos um dia antes de sua realização — o que regularmente acontece com 1 hora de antecedência — somente por causa da grande procura do público, pois já havia



Apresentação em Brasília
Foto: Brito Junior





na cidade um murmurinho sobre a produção sergipana. Sem falar da passagem de *Billie* por Brasília, no Distrito Federal, onde fizemos 3 dias de apresentação, no Teatro dos Bancários, com casa cheia para um final de semana com feriado prolongado e uma gente rendida ao talento da nossa atriz e cantora Tânia Maria. Saber que um público altamente exigente, como é o de Brasília, em plena Semana Santa, saiu de casa para assistir a um espetáculo sergipano e lotar o teatro, encheu-nos de brio e alegria! E agora, mais recentemente, e mais uma vez em Salvador, no gracioso teatro Raul Seixas, pudemos constatar a confortante recepção do público ao trabalho, enfileirando-se no final para cumprimentar a grande intérprete, com efusivo entusiasmo. *“De todos os espetáculos que já passaram por aqui, esse foi o que mais nos honrou. É um trabalho feito com muita verdade. Como ator, eu tento. Tânia Maria faz”* **Frank Magalhães, ator e diretor do teatro Raul Seixas.** *“Ousado, ousado, muito ousado esse povo de Sergipe! Que ousadia montar *Billie Holiday!*”* **Produtor artístico potiguar em passagem por Brasília.**

Billie Holiday, a Canção já completou a sua nonagésima apresentação, *“um grande feito, em se tratando de uma produção teatral sergipana”*. Queríamos ter pernas mais longas para chegar a todos os lugares a que já fomos chamados: Maceió, Natal, Porto Alegre, Fortaleza, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Nova Iorque, Atlanta... Por hora, permanecemos com a lembrança de uma atriz, em Brasília, que absorvida e embevecida com o talento irretocável de Tânia Maria ao interpretar a ímpar e dolorida voz do jazz, Billie Holiday, gritou da plateia: **“Você é maravilhosa, merece uma Big Band”**.

A peça está de volta em cartaz durante todo o mês de setembro, de quarta à sábado, sempre às 20h, no Teatro Tampa. **■**

Poesia.

João Sapateiro



João Silva Franco, mais conhecido como João Sapateiro, nasceu na cidade de Riachuelo, interior de Sergipe, no dia 20 de junho de 1918.

Filho de Francolino Bernardo dos Santos e Dona Maria Marcelina dos Santos, desde a sua infância trabalhou duro para sobreviver. A lida na sapataria e em serviços braçais impediu o garoto de origem humilde de estudar. A primeira e única foi a do Povoado Sítio do Meio, em sua terra natal. Mas como era o filho mais velho e o seu genitor necessitava da sua ajuda para manter as despesas da casa, João, que já estava com treze anos de idade foi obrigado a largar os estudos ainda no final do primeiro semestre para trabalhar pesado nos engenhos e olarias da pacata da cidade. Tendo aprendido apenas a escrever seu nome com letras minúsculas.

Em 1935, sonhando com melhores dias, Seu Franco decide aventurar-se na capital sergipana, levando João, Antônio e Messias, montando uma oficina para consertar calçados na Rua Laranjeiras, no centro da cidade.

No ano de 1938 Seu Franco decide mudar-se com a família para a cidade de Laranjeiras, onde exerceu a profissão por vários anos.

João começou a adquirir conhecimentos e a trabalhar abrindo algumas estradas na Atenas Sergipense. Logo depois começou a trabalhar no Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Começou a escrever seus primeiros versos inspirado na Literatura de Cordel.

Em 1950 tem a primeira poesia publicada em um jornal. O proprietário do CORREIO DE PROPRIA, encantado com os versos do jovem poeta estampou a poesia CÂNTICO, uma justa homenagem aos laranjeirenses em duas de suas páginas.

Após a morte do seu pai ele continuou exercendo da profissão de sapateiro em Laranjeiras, e, aproveitando o seu espaço de trabalho expunha a sua riquíssima obra em cartolinas e papel pautado nas paredes, para que a clientela e os estudantes pudessem apreciar.

Em 1984, o sapateiro poeta finalmente teve o seu valor reconhecido pela Câmara Municipal de Vereadores, que concedera o título de CIDADÃO LARANJEIRENSE pelos relevantes serviços prestados ao município.

Depois de sete décadas batalhando e divulgando a nossa literatura o poeta que amou intensamente despediu-se da vida, numa manhã de quinta-feira, 09 de outubro de 2008, deixando um legado valoroso e invejável, pois sequer teve a oportunidade de concluir o primeiro ano escolar.



**Cântico
Aos Laranjeirenses**

Minha terna Laranjeiras
Terra das lindas palmeiras,
Adoro tudo que é teu;
Admiro os belos prados
E adoro os lindos trinados
Das aves que Deus te deu.

O teu passado eu bendigo,
E adoro o "Bom Gosto" amigo,
Aonde eu vou me banhar;
Adoro a meiga corrente
Que canta canção dolente
Andando em busca do mar.

Adoro a tua matriz
Onde a velhinha feliz
Vai rezar o seu rosário;
Amo o teu belo cruzeiro
Que lá no cimo do outeiro
Nos lembra o monte calvário.

Amo a tua marujada
E adoro a pedra furada,
Que nos encanta e fascina!
Gosto da policromia
E da coreografia
Da taieira de Bilina.

Amo os sinos maviosos
E os teus jardins olorosos
Que te dão tanta beleza!
Amo as igrejas dos montes
Amo as tuas velhas pontes
Que fazem lembrar Veneza.

Admiro o candomblé,
E o zabumba José,
Torrentes de poesia!

Amo a face angustiada
Da imagem cobiçada
Do senhor da pedra fria.

Admiro a Matriana
Aonde em fins de semana
O povo vai repousar;
E adoro o barro vermelho,
Que fez do rio um espelho
Onde vive a se mirar.

Eu gosto dos penitentes
Que contritos, reverentes,
Rezam por todos do além.
- E é com orgulho que falo,
Na dança do São Gonçalo,
Que nos encanta e faz bem.

Eu adoro as procissões
Que povos de outros rincões
Não deixam de acompanhar;
E os teus velórios cantados
Que nos deixam encantados
Esquecidos de chorar.

Amo o samba de tropelo,
Coco, forró e martelo
Bacamarte e batalhão;
E as suas garotas belas,
Cantando trovas singelas
Nas rodas de São João.

Amo a vista deslumbrante
E a brisa acariciante
Do morro do Bom Jesus;
O Serra- Velho dioso,
E o mês de doloroso
Que aos namorados seduz.

Adoro o teu céu de anil
Amo o teu povo gentil,
Amo tudo que é de ti
Eu amo os tamarindeiros,
Eu amo os velhos coqueiros
Onde canta o bem-te-vi.

Admir os caboclinhos,
E os negros do Rei Raminho,
Lamentando o cativoiro;
E a cantoria bonita
Da turma de João de Pita,
No dia seis de janeiro.

Adoro os velhos sobrados,
Onde nos tempos passados
Se cultivava o lirismo;
E os bancos da Conceição
Onde sentou-se a paixão
No tempo do romantismo.

Adoro a rua direita,
Porque quanto mais se ajeita
Fica bem mais sinuosa;
E o Alto do Xavier
Que mostra pra quem quiser,
O quanto és majestosa!

Minh' alma também é louca
Por ti, cidade barroca,
Residência do saber;
Terra de João Ribeiro,
Meu amor é verdadeiro
E te adoro até morrer!

1950



DECRETO-LEI
Para Vera Lúcia, com muito carinho.

Considerando que eu vivia desprezado,
E desolado, sem ter ninguém para amar;
Considerando que agora estou sendo
amado,
E ao meu passado jamais pretendo voltar.

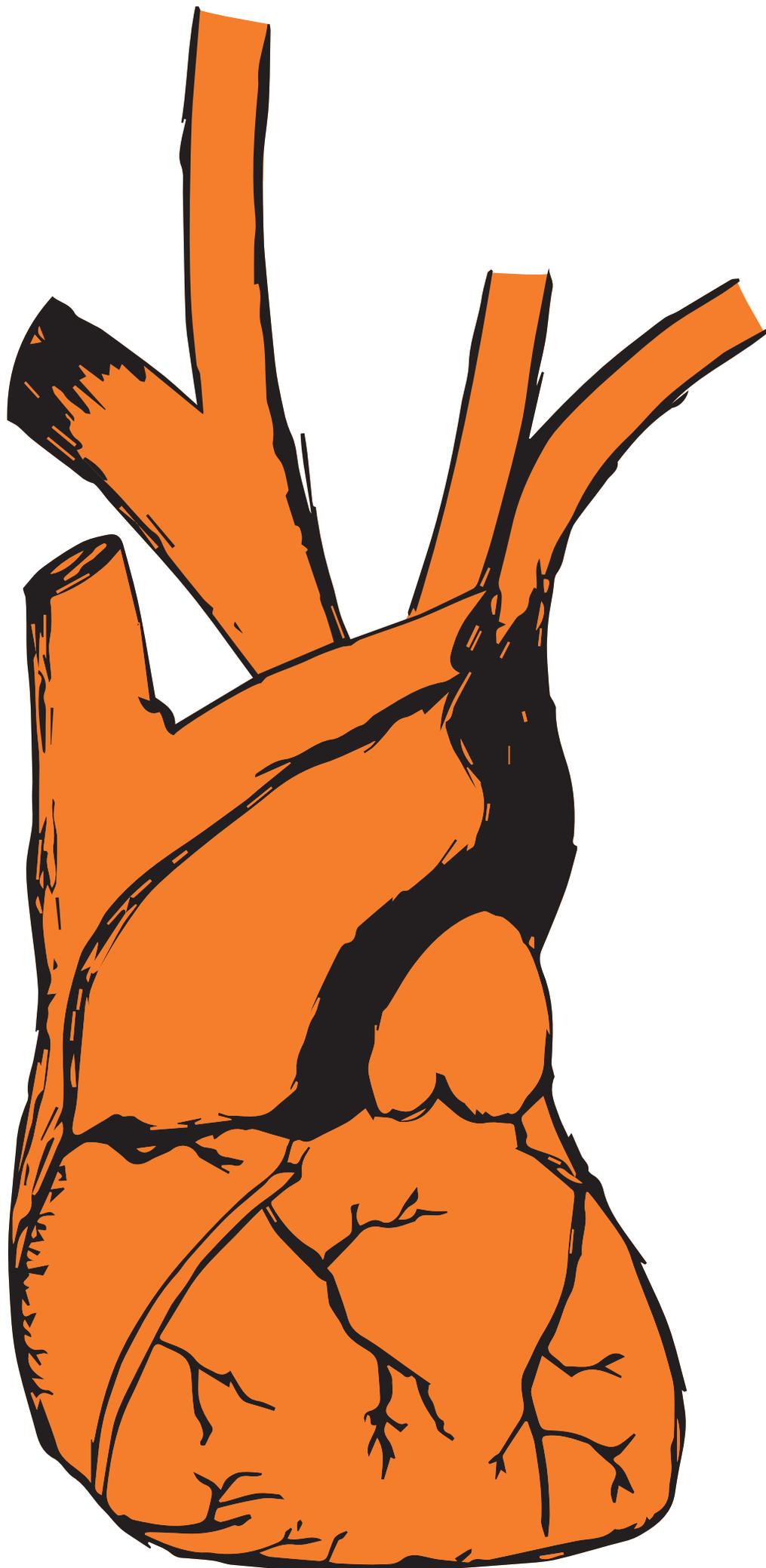
Considerando que o tormento terminou,
E que acabou o grande mal que me
envolia;
Considerando que a tristeza desertou,
E ocupou o seu lugar grande alegria.

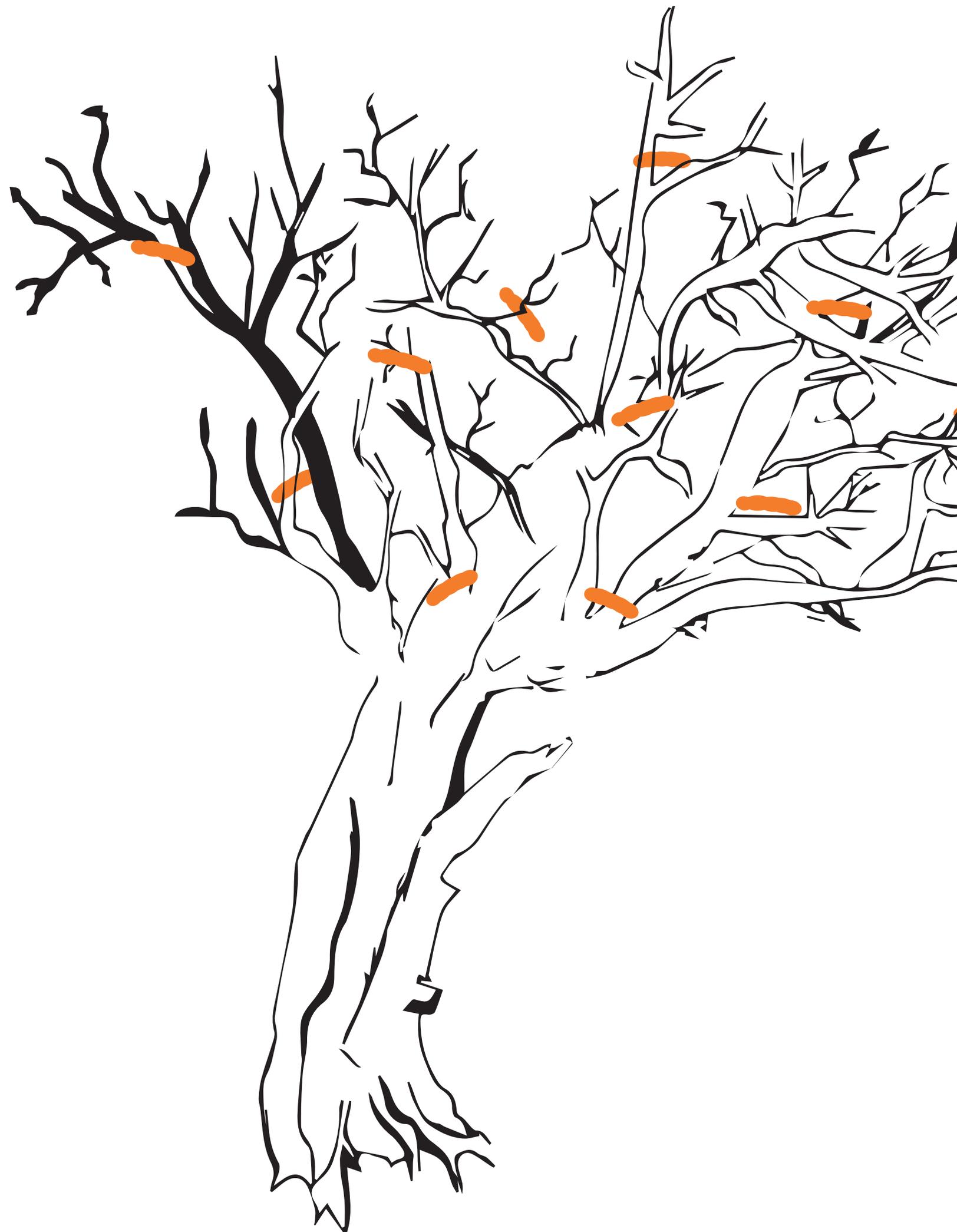
Considerando que acabou-se meu castigo,
E que lhe digo que sou venturoso agora;
Considerando que estou vivendo consigo,
E que hoje comigo a felicidade mora.

Considerando tudo que acima citei
Baixo esta lei decidindo sua sorte;
Para que eu não volte a penar como penei
Determinei que seja minha até a morte.

Mesmo que digam que sou cruel ditador,
Nenhum clamor vai revogar a decisão.
Meu coração diz que não quer ser sofredor,
E questão de amor quem decide é o
coração.

1976







SEDUÇÃO

Laranjeiras de "Lorné",
Por adoção também minha:
És bonita de encantar
E feliz por ostentar
O solar de Sant'Aninha!

De qualquer colina tua,
Lindo quadro se divisa.
- Dos meus versos és o tema,
Velha "Cidade Poema"
Que a beleza simboliza.

Terra de Ti Herculano
E de Zé Sapucari:
Tens tanta beleza, tanta
Que o visitante se encanta
E se apaixonava por ti!

E se apaixonava por ti,
Daquele jeito que sei.
Cidade que nos seduz,
Eu juro perante a cruz,
Que jamais te deixarei!

1988

Desabafo (aos meus "amigos" de outrora)

Tamarindeiro do porto,
Alquebrado e quase morto,
Como todo mundo vê;
Você que foi tão querido,
De há muito está esquecido,
Ninguém gosta de você.

Tamarindeiro dioso
Que era tão belo e frondoso
Quando este porto viveu;
Quando sombra e frutos dava,
O povo lhe procurava
Em busca do que era seu.

Que foi ocupado demais,
E acobertava os casais
Quando era lindo o luar:
Hoje, velho e desfolhado,
Morre só, abandonado,
Porque nada tem pra dar.

Nossas vidas são iguais,
Você na beira do cais,
Se acaba na soledade;
E eu definho no estracismo,
Abismado com o sadismo
Da tirana humanidade.

1983



De rua para rua

O RAP E MOVIMENTO HIP HOP NA VIDA DE
JOVENS DA PERIFERIA DA GRANDE ARACAJU

por Matheus Brito



Yala Souza



Clara de Noronha



Do lado de uma pista de skate, o público se reuniu para assistir à batalha de conhecimento do ContaMina. A disputa previa a participação só de mulheres na Orla do Porto Dantas, em Aracaju. No entanto, as organizadoras decidiram incluir homens, uma vez que não havia rappers suficientes. Era a segunda edição do evento e as crianças, o grosso da plateia, eram, inclusive, participantes. Depois da inclusão dos nomes e sorteio das duplas para as disputas, cada rapper ou MC tinha menos de um minuto para criar rimas a partir de um tema escolhido na hora, o que caracteriza uma batalha do conhecimento. Racismo, violência policial e periferia foram os mais recorrentes para os improvisos. Quem ouvia mais barulho do público, era vencedora ou vencedor.

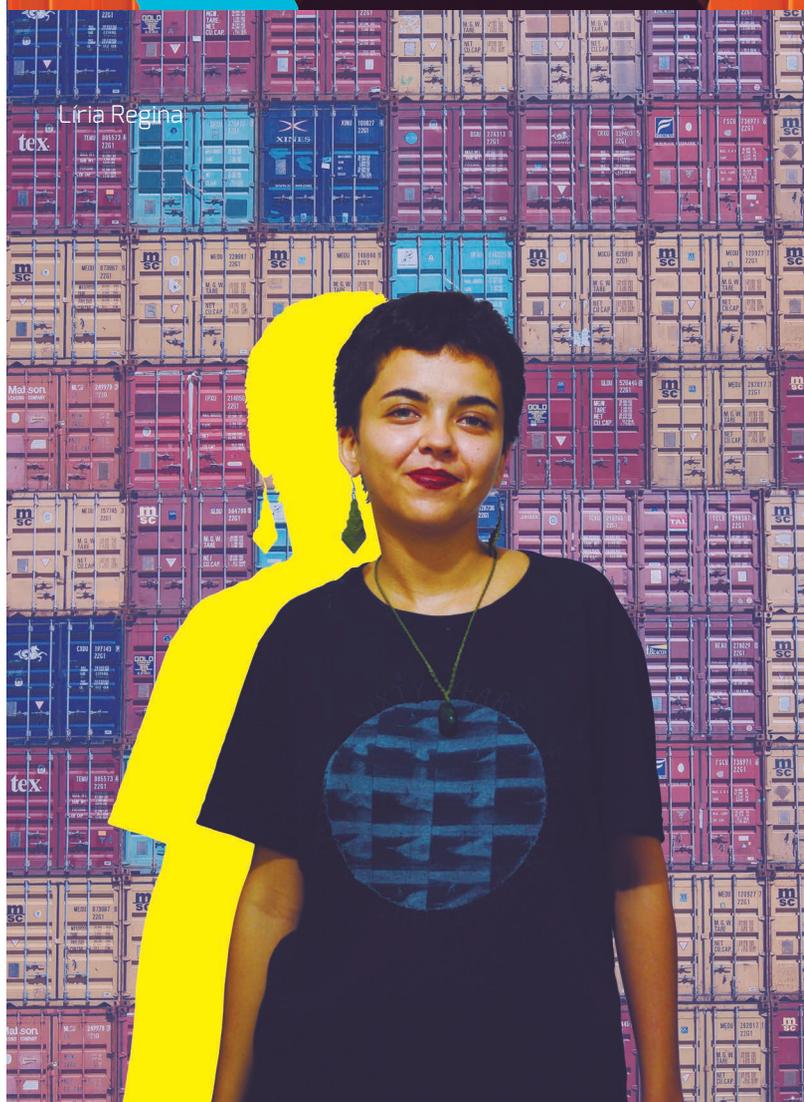
A exclusividade para mulheres tem motivo. Os relatos sobre machismo e misoginia em batalhas são inúmeros: questionam a autoria das letras; duvidam da capacidade intelectual; e boicotam, especialmente se for feminista, segundo Yala Souza, organizadora do ContaMina e membro do grupo Relato Verdadeiro. Influenciada pelo Rap e o movimento Hip Hop desde a infância, Yala gravou a primeira letra autoral em 2013 — “Sonhos Enterrados” — logo depois de entrar para o Relato Verdadeiro. Mesmo assim, já lidou com afirmações do tipo: “rima como homem”.

CONTA MINA

Experiências violentas são compartilhadas entre as organizadoras do evento. Numa batalha, Líria Regina, do grupo Guerrilheiras, ouviu que não era agredida por causa da Lei Maria da Penha. Assim como no dia a dia na cidade, elas não estão imunes a agressões no movimento Hip Hop. O Rap, afirma Líria, não é uma bolha e também reproduz machismo, o que faz com que as mulheres fiquem em posições de quem escuta, acompanha e apoia. “Isso dificulta muito na hora de perceber que a gente pode ser protagonista de nossas histórias”.

Na maioria das vezes, o espaço para ofensas se estende quando a batalha é de sangue, na qual MCs, improvisando rimas, atacam-se. Não é o ideal nem há um tema específico para a disputa, mas MCs recorrem a provocações pessoais e escorregam em machismo, misoginia e LGBTfobia. As batalhas de sangue também podem reservar outra estratégia para mulheres. Segundo Clara de Noronha, do Guerrilheiras e do ContaMina, a batalha de sangue pode ser o espaço ideal para deixar homens constrangidos. “Eles nunca esperam que a gente pode responder à altura”.

Eventos como o ContaMina são criados para reverter esse quadro e servem de reflexão para mulheres e homens. “Se esses espaços não são dados, a gente vai lá e constrói”, afirma Yala. Por meio das rimas que denunciam vulnerabilidades, outras



mulheres se identificam com a mensagem das rappers. Transformar coisas privadas em coletivas, diz Líria, é uma dessas formas. “Quando a gente escreve e canta sobre nossas vidas, a gente se reconhece e se fortalece para tomar decisões”.

Escrevendo desde criança, Marcella Almeida só precisava de um gatilho. Assim como outras organizadoras do ContaMina, o Sarau Debaixo foi o pontapé. “Mas não escrevia na intenção de ser rimado, de ser um rap, encaixar em um ritmo”, afirma. Clara e Líria são as culpadas por transformar os escritos de Marcella em ritmo e poesia. “Se a gente ficar sozinha, a caminhada não tem mudança”.

Criar espaços culturais voltados para a Cultura do Hip Hop é um desafio por causa da falta de estrutura e incentivo. Jovens ocupam espaços públicos de forma espontânea, sem financiamento e arcam com custos dos eventos. Os itens básicos são um microfone, uma caixa de som e disposição. A escassez de espaços compromete, principalmente, mulheres. Para Líria, elas não intervêm como podem justamente por causa da falta de incentivo e jornadas de trabalho exaustivas. Para intervir no movimento, acredita, as próprias mulheres possuem barreiras diferentes. “O racismo, por exemplo, não foi uma barreira imposta para mim, assim como o fato de não ser mãe”, acrescenta Líria.

DAS QUADRAS

A 3 km da Orla do Porto Dantas, a dupla de rap Direito Correto realiza o Cultura das Quadras no Marcos Freire II, em Nossa Senhora do Socorro. Sem

autorização da prefeitura, Daniel Soares e Wallace Dias constroem o evento que ocorre graças ao apoio de amigos num local que, para eles, é como o quintal de casa. Conseguem microfone, som, tenda, DJ e “rango”. “A gente fez com a cara e o queixo”, afirma Wallace, cujo codinome é Blackout.

Criado no primeiro semestre de 2017, o Cultura das Praças promove batalhas de conhecimento, espaços para dança, poesia e outras linguagens artísticas de jovens da periferia. Incluir apenas o Hip Hop era pouco para Blackout e Neeuuto, como é conhecido Daniel. O evento é uma forma de evidenciar talentos desconhecidos da cidade.

O desejo de experimentar a rua também reflete outra militância: o uso da bicicleta. Assim como ela é quase indispensável entre as mulheres do ContaMina, os membros do Direito Correto não usam mais o transporte coletivo. Cortam os bairros da Grande Aracaju montados nas bikes e também resolvem pendências na realização de eventos.

No Cultura das Quadras, a batalha de conhecimento é a única que ocorre. Para eles, há pouca tradição na modalidade em Sergipe e essa é uma forma de desencorajar ofensas e opressões. Eles não pensam duas vezes e são categóricos na hora de reforçar os malefícios da batalha de sangue. “A gente quer ouvir um papo reto”, afirma Blackout.

As batalhas provocam discussões calorosas. Há uma mudança de consciência no rapper na batalha de conhecimento, afirma Marcella. “Ficar rimando besteira é fácil, quero ver refletir sobre o que dá boca”. Há chances para elaborar e amadurecer ideias nesse tipo de modalidade, acredita. Mesmo dominada por

DIREITO CORRETO



Wallace "Blackout" Dias (esq.) e
Daniel "Neeutro" Soares



Esq. para dir.: Leonardo Gomes,
Clay Lima e Vitor Oliveira

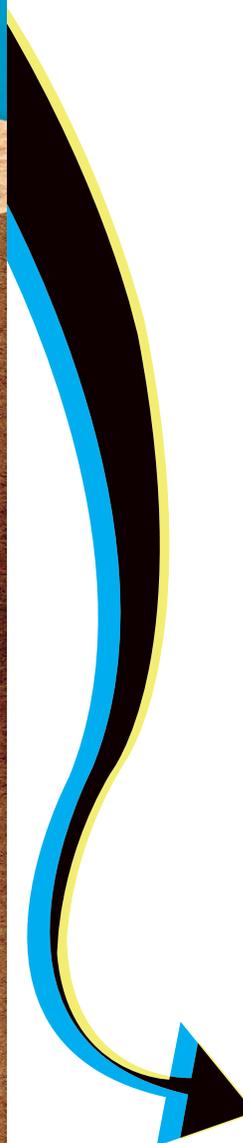
GRAFFITI BRASILEIRO



homens, uma mulher venceu a batalha do Cultura das Quadras - Líria Regina. “Aquela mina é absurda”, diz Neeuuto. A presença da Guerrilheira já cria expectativa entre participantes e organizadores. Quando aparece num evento, todos a aguardam na final.

Os jovens do Marcos Freire II incluíram o evento no calendário da comunidade. Como em outros lugares da periferia da Grande Aracaju, espaços culturais são escassos. O corpo e a palavra são elementos usados para revelar as insatisfações com a vida e a praça, no caso, é o palco. A recepção dos moradores intensificou os esforços para ampliar o evento. Desde o fim da primeira edição, a dupla do Direito Correto é questionada sobre as próximas. Na terceira edição, realizada em abril deste ano, 250 pessoas compareceram às quadras, segundo eles.

Mostrar o Rap local se tornou uma ambição. O contexto desfavorece, já que, para eles, artistas de outros gêneros têm mais clamor do público - citam Devinho Novaes e Wesley Safadão como exemplo. No Nordeste, a cultura Hip Hop, afirma Neeuuto, limitou-se a ter artistas do Sudeste e Sul como referência. “Em vez de valorizar os que são de dentro, pegam os de fora”, desabafa.



**“A arte suburbana,
que também
enquadra o rap, é a
forma mais direta
que a gente encontra
de dialogar com a
periferia e com nós
mesmos”**

DAS CAMINHADAS

Filho de cantora Gospel e produtor musical, o contato de Daniel Neeuuto com a música começou na infância. Aos 6 anos, tocava bateria nos ensaios caseiros da mãe em São Paulo. Aos 8 anos, terminou a parceria, uma vez que família voltava para Sergipe, onde ele constrói a carreira no Rap. Mesmo num gênero diferente, que usa o corpo e a palavra para outras manifestações, a mãe é a principal apoiadora. Daniel recebe orientações sobre técnica vocal, produção em estúdio, tonalidade de som e movimentos de rua.

Como de costume, a preocupação materna não acaba. Neeuuto compreende, sabe que o Hip Hop e o Rap são marginalizados e, ao mesmo tempo, são portas para outros gêneros musicais. “A música em si é uma arte cabulosa que envolve muitas coisas”, diz. Em casa, o integrante do Direito Correto já divide experiências com a irmã mais nova, Laura Soares, que explora as habilidades nas rimas e na dança.

Na casa de Wallace Blackout, a relação é diferente. A mãe não se importa com o som que ele faz. “Ela não percebe que eu fiz uma música, que fiz algo ritmado”, afirma. O pai é quem mais pede para desistir do movimento. Wallace tenta levar com humor, mas, geralmente, irrita-se. De qualquer forma, busca impulso para provar o contrário que a família espera.

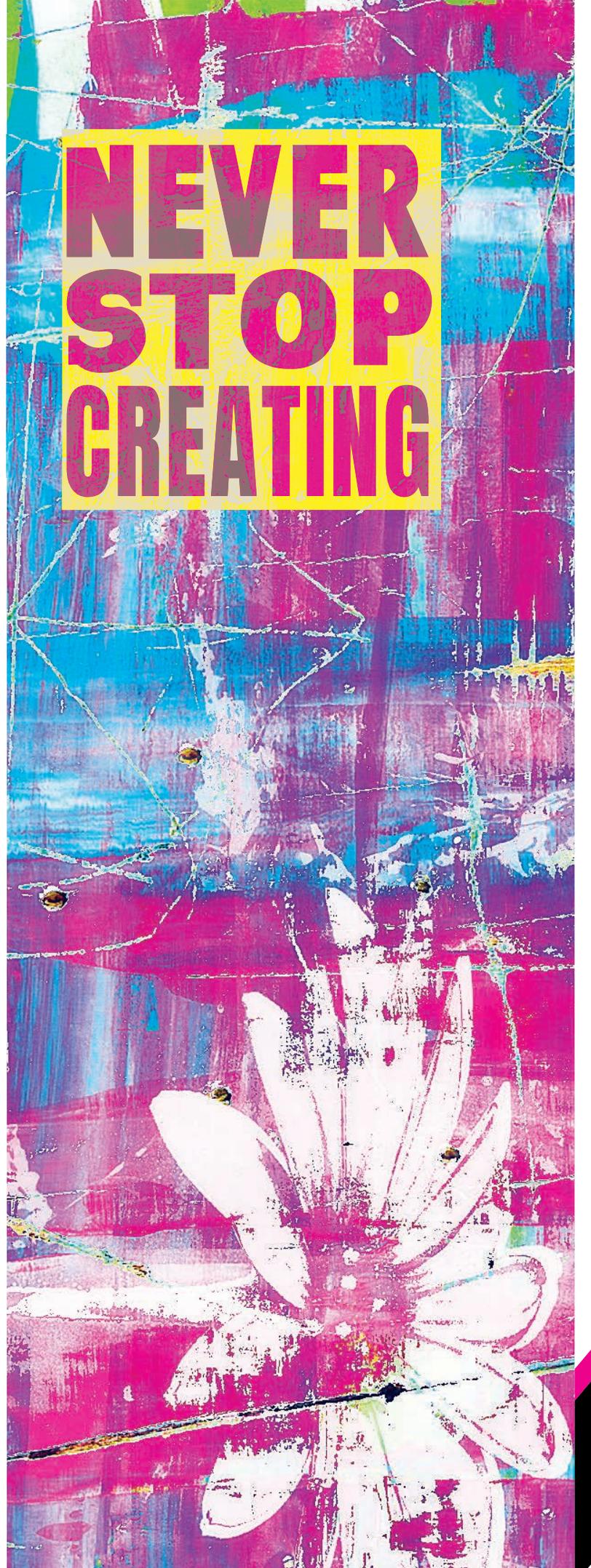
“Queria que você cantasse música de Deus e não música de criminoso”, disse a avó de Leonardo Gomes, membro do Nine Senses. A rejeição e indiferença da família são coisas com as quais eles lidam assim que reconhecem nas rimas uma forma de protesto e construção de uma identidade. Desde 2012, a reação da família de Leonardo mudou conforme os finais

de semanas foram ocupados por apresentações em batalhas e saraus do Eduardo Gomes ao Santa Maria.

Leonardo constrói o Nine Senses com mais dois amigos: Clay Lima e Vitor Oliveira. Há seis anos, eles participam e produzem espaços culturais no Rosa Elze e outros bairros de São Cristóvão. O grupo já passou por outras formações. Ao mesmo tempo, teve, no máximo, cinco integrantes. Ao todo, seis já passaram pelo grupo. Hoje, os garotos possuem um estúdio onde criam beats autorais, gravam músicas e ajudam amigos. No início, usavam apenas voz e violão. A inspiração para o nome veio das seis cordas de um violão comum e dos três vocais que idealizaram o grupo. Cada um representaria um “sentido” e optaram por usar os nove sentidos em inglês.

O nome do grupo também serviu para batizar o estúdio — Essências. Para Vitor, o espaço é importante para dar suporte a outros jovens. “Tem muita gente que se encontra na mesma realidade. Uma galera mais nova, que está começando, sem condição financeira para gravar ou conseguir um beat autoral”, afirma.

Para eles, a vivência na periferia já é o Rap. “Quando descobrimos o ideal da cultura Hip Hop, percebemos que isso reflete a nossa vida”, explica Clay. O relato da vida por meio das rimas começou no freestyle, que faziam entre si. Aos poucos, conseguiram espaço para participar de eventos, como o Liga Nós no Eduardo Gomes, em São Cristóvão. Participaram da organização de duas edições, mas o evento acabou em 2015.



**NEVER
STOP
CREATING**



DOS PROTESTOS

A palavra é a principal arma, para Clay, uma vez que é o instrumento com o qual difundem mensagens. “Se a gente tivesse uma revolução hoje, seria por meio das palavras”. O raciocínio é compartilhado com as organizadoras do ContaMina. Nenhuma palavra que sai dos dedos ou boca de Líria Regina é à toa. A revolta que sente e vive ganha responsabilidade porque vai chegar em outras pessoas. “Cada letra que escuto eu estou ouvindo o que alguém está dando de si, então estou aprendendo, estou indo pra além do que eu vivencio”.

Mudanças promovidas pelo contato com o Hip Hop também são consenso entre os grupos. As letras que falam de relacionamentos abusivos, machismo, misoginia, diz Yala Souza, fortalecem outras mulheres. A rivalidade socialmente construída para as mulheres perde força no Rap. No caso de Yala, o encontro com o feminismo aconteceu no movimento Hip Hop e também com respostas para os questionamentos que possuía. “Existe um discurso que diz que todo mundo é igual, mas a gente sabe que não”, diz Yala sobre a condição de mulheres negras na sociedade.

“A arte suburbana, que também enquadra o rap, é a forma mais direta que a gente encontra de dialogar com a periferia e com nós mesmos”, afirma Vitor Oliveira. Quando não encontram formas de manifestar a realidade em espaços tradicionais de socialização, jovens da periferia exploram argumentos e vivências nas rimas. O papel de influência não passa despercebido. Eles e elas sabem que, assim como no passado, crianças e adolescentes vão se inspirar no movimento e construir novos espaços em breve. **C**



SERGIPANOS NO MUNDO

***três expoentes da
música enchendo
a terrinha de orgulho***

“

... o acordeonista **Mestrinho**,
o guitarrista **Saulo Ferreira**
e o pianista **João Ventura**
estão na lista dos
principais instrumentistas do
Brasil moderno. ”



Foto: Piguim



Foto: Márcio Dantas



Gilson Sousa

Rico em talentos musicais Sergipe sempre foi. Falta-nos o componente do convencimento interno, tão caro à carreira de incontáveis artistas que merecem, ou mereceram, sorte melhor no cenário local e nacional. Do respeitado sambista Pedrinho Rodrigues ao elogiado compositor Rubens Lisboa. Do criativo Paulo Lobo ao versátil Nino Karvan. De Amorosa a Joésia Ramos e Patrícia Polayne. Além de grupos como Cataluzes, Reação e The Baggios. Todos com talento de sobra para fazer bonito em qualquer palco desse país. Mas carecem da valorização em sua própria terra.

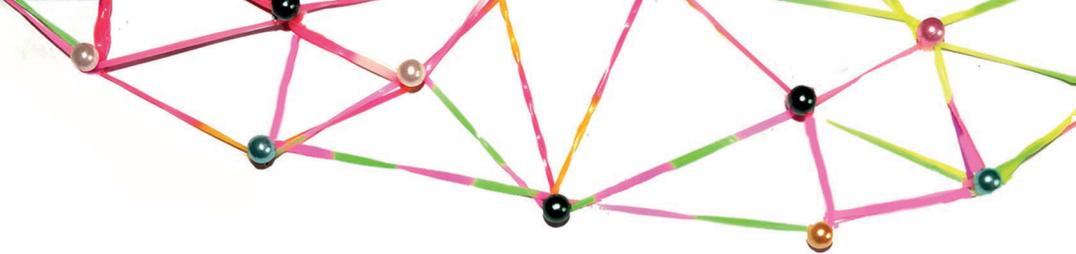
Hoje, sem levar a sério a famigerada maldição do cacique Serigy, três jovens artistas de Sergipe despontam no cenário nacional e até mundial, principalmente pelo poder de seus instrumentos musicais. E isso precisa ser reconhecido. Quem é do ramo da boa música concorda que o acordeonista **Mestrinho**, o guitarrista **Saulo Ferreira** e o pianista **João Ventura** estão na lista dos principais instrumentistas do Brasil moderno. E há um diferencial neles pouco comum entre grande parte dos artistas. Dois deles, João e Saulo, são acadêmicos em nível de mestrado e doutorado em música. Já Mestrinho aprendeu muito com o melhor professor de sanfona que existiu em todos os tempos, o mestre Dominginhos. Não é à toa que se chama ‘Mestrinho’.



Mestrinho

Filho do sanfoneiro Erivaldo de Carira, Mestrinho é nascido em 1988 e traz a música no DNA. A família conta que com apenas 6 anos de idade já tocava sanfona e aos 12 anos começou a se apresentar em turnês de bandas da região onde morava, em Itabaiana. Ainda jovem, tornou-se um dos principais herdeiros do mestre Dominginhos, com o qual se apresentou em vários shows pelo país, inclusive participando da última apresentação em Exu (PE), cidade natal de Luiz Gonzaga, em 13 de dezembro de 2012, em comemoração ao centenário do Rei do Baião. Mas Mestrinho já foi mais longe. Trabalhou um bom tempo com Elba Ramalho, nos últimos anos fez turnês internacionais com Gilberto Gil e participou do CD de Jair Rodrigues “Samba Mesmo Vol. 2”.





Em carreira solo, ele tem dois discos lançados, o mais recente “É Tempo pra Viver”, conta com participação de Ivete Sangalo e uma belíssima gravação de “O inverno é você” com Dominginhos. Muito mais do que forró, o acordeon de Mestrinho passeia pelo jazz, bossa nova, choro e MBP. Por causa disso, já teve a honra de dividir o palco com vários artistas consagrados como: Hermeto Pascoal, Chico César, Rosa Passos, Antônio Barros e Cecéu, Zélia Duncan, Geraldo Azevedo, Jorge Aragão, Gabriel o Pensador, Paula Toller, Luciana Mello, Diogo Nogueira, Toni Garrido, Margareth Menezes, Elza Soares, Benito di Paula, Duani Martins, Mariana Aydar, Zeca Baleiro, Thiago Espírito Santo, Sandro Haick, Ney Conceição, entre outros.

Aos 17 anos, o cantor, compositor, instrumentista e produtor musical Mestrinho

e sua irmã Thaís Nogueira se mudaram de Aracaju para São Paulo e criaram o Trio Juriti, um grupo de forró que não durou muito tempo. Mesmo assim eles participaram de festivais e se destacaram pela composição da música autoral “Mais um dia sem te ver”. Ainda nesse trio gravaram dois álbuns chamados “Forró irresistível” e “Cara a Cara” que contaram com a participação dos emboladores Caju e Castanha e com a produção do compositor João Silva, um dos maiores parceiros de Luiz Gonzaga.

Aos poucos, Mestrinho vai se tornando conhecido entre os sergipanos. No período junino vem se apresentando com frequência nas principais festas de Aracaju e sempre merecendo o devido destaque da mídia local. Em breve, certamente, estará decolando com sua carreira solo e ocupando lugar de destaque no cenário da boa música popular brasileira.

Fotos: Paola Vianna



Foto: Diego Ferreira



Saulo Ferreira

Guitarrista, compositor, professor e atuante no cenário musical sergipano há 15 anos, o aracajuano Saulo Ferreira, nascido em 1984, demonstra um talento pouco comum com o instrumento elétrico tão cultuado nas mãos de gênios como Jimmy Hendrix e Eric Clapton. Formado em música pela Universidade Federal de Sergipe e mestre em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia, Saulo vem desenvolvendo ao longo dos anos um trabalho autoral resultante de múltiplas influências, sobretudo do jazz, da música brasileira e africana. “Sempre ouvi muitos guitarristas, no entanto, de alguns anos pra cá tenho prestado atenção em outros instrumentistas, tais como pianistas, saxofonistas, bateristas, vocalistas. Tentei e tento compreender esses ‘idiomas’ e trazê-los pra guitarra”, explica o músico.

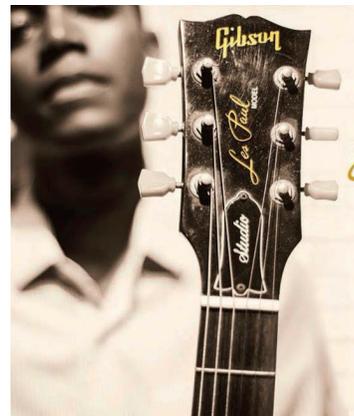


Foto: Diego Ferreira

Nessa trajetória, Saulo participou de importantes festivais brasileiros de música, a exemplo da Feira de Música Independente (Brasília - DF, 2007), Feira Música Brasil (Belo Horizonte - MG, 2010), Circuito Cultural Banco do Nordeste (Souza — PB, 2011), Feira da Música (Fortaleza — CE, 2012) e do Circuito Sesc de Música (Aracaju — SE, 2014). Nos anos de 2013 e 2014 apresentou-se e ministrou workshops de guitarra na primeira e segunda edição do *Brasilianisches Kulturfestival Wien* (Festival Cultural do Brasil em Viena) como parte da programação oficial de tal evento.

Em junho de 2017, foi convidado a participar do Café Cultural — Residência Artística (Portugal) onde realizou workshops em relevantes instituições de ensino de música, a exemplo da Academia de Música



Foto: Diego Ferreira

Foto: Marcos Santos



José Atalaya e da Universidade do Porto. Dentre seus principais trabalhos destacam-se os grupos *Ferraro Trio*, *Jazz III*, *Saulo Ferreira Quarteto* e *Canjica Trio*, sendo este último em parceria com músicos residentes em Portugal. Atualmente, compõe o quadro de professores do Departamento de Música da Universidade Federal de Sergipe.

Em novembro de 2011 lançou seu primeiro disco solo, intitulado “Direções” e atualmente projeta um álbum junto ao seu mais recente grupo, o *Saulo Ferreira Quarteto*. Como docente universitário, vem desenvolvendo ao longo dos anos propostas metodológicas voltadas ao ensino de improvisação à guitarra apoiada pela prática do solfejo, a partir da sistematização do estudo do instrumento aliado à percepção musical. Ou seja, tanto o palco quanto a sala de aula sempre lhe caem bem nessa trajetória artística.

Um dos episódios que marcou a carreira

de Saulo aconteceu recentemente, no período de carnaval em Aracaju. Junto com a cantora Raquel Diniz, outra pérola sergipana, ele montou o show “Milton por dois”, com voz e guitarra. A ideia era revisitar o repertório de um dos maiores gênios da música brasileira. E o resultado ficou espetacular. Tanto, que encantou o próprio Milton Nascimento, que estava hospedado num hotel da orla de Aracaju no carnaval e teve a honra de assistir ao show, enchendo os sergipanos de elogios, é claro.

“Sim, sou um cara de sorte! Tenho o privilégio de morar com a música e, por meio dela, conhecer lugares, pessoas, histórias. De falar sobre e através dela. Nesse longo caminho tive a chance de conhecer músicos, tramar parcerias, construir amizades que me auxiliam a ser melhor”, garante Saulo Ferreira, cultivando uma simplicidade que só brota em gênios da música.



Foto divulgação

João Ventura

Ao que parece, o nome João é inerente a excelentes músicos, sobretudo pianistas da MPB, como é o caso de João Donato e de João Rebouças, músico que acompanha Chico Buarque há anos. Tem ainda o João Gilberto, o homem que inventou no violão a batida da bossa nova. E nesse caminho surge João Ventura, sergipano nascido em 1985, em família de grandes artistas, a começar pelo avô materno João Mello, que além de ter sido um respeitável *crooner* de boates na Bahia e Rio de Janeiro, nas décadas de 1940, 50 e 60, foi produtor da Som Livre e Philips nas décadas de 1970 e 1980, tendo descoberto grandes nomes da MPB, a exemplo de Djavan e Jorge Ben.

Joãozinho Ventura, aos 9 anos, ingressou nos estudos de música erudita com o professor Paulo César Prado. Estudou por

6 anos e começou a se interessar por novas áreas, como o canto, o violão e a composição. “Minha paixão é o piano, todo mundo sabe. Mas eu tenho um carinho danado pelo violão”, confessa o jovem talentoso. Ele fez a graduação e o mestrado em piano (na UFBA), sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Garcia. Atualmente, cursa o doutoramento no instrumento em Lisboa, na UNL.

Dono de uma sonoridade ímpar, Joãozinho Ventura mescla as correntes erudita e popular, aprimorando dia após dia sua sonoridade. Neste contexto, criou o projeto Contraponto, no qual promove fusões entre as duas correntes. Na Europa, já fez encontros musicais com Maria Gadú, Mayra Andrade e tantos outros artistas. Mais recentemente, fez uma série de apresentações com Toquinho em casas de espetáculo de Portugal.

Há alguns meses, o talento de João Ventura em Portugal foi testado pela pop star mundial Madonna, que ouviu falar dele e o convidou para uma apresentação especial num evento de luxo em Nova York. O vídeo da apresentação viralizou nas redes sociais e ajudou a firmar o nome do sergipano como um dos grandes pianistas da atualidade. “Nós torcemos muito para tudo dar certo, porque não é brincadeira. A Madonna é uma intérprete que pode ter o pianista que ela quiser em qualquer lugar do mundo. Nos Estados Unidos existem centenas, e ela escolheu o João Ventura”, disse em entrevista o cantor e compositor Toquinho.

Aliás, o talento de João que despertou o interesse de Toquinho, um dos grandes parceiros do poetinha Vinicius de Moraes nas décadas de 1970 e 80, foi descoberto pelo produtor musical Hermano Maia. “Através dele eu peguei de mão beijada antes da Madonna. Agora vou tirar proveito”, contou Toquinho, cheio de bom humor. Muito objetivo e seguro naquilo que faz, Joãozinho Ventura conta que seu maior sonho, em música, é continuar a trabalhar por sua arte verdadeira e compartilhar sua musicalidade com todos os povos do mundo. Está conseguindo realizar com louvor.

Por enquanto, o trabalho de Ventura está registrado em dois discos. O primeiro CD autoral, intitulado *Foi Declarado Samba*, foi feito em 2008 e conta com 14 faixas autorais, quase todas voltadas para o samba. O segundo, mais recente, é intitulado *Chega Mais*, e é basicamente uma mistura da música pop com a percussividade característica da Bahia, terra onde viveu por alguns anos antes de se mudar para Portugal. **C**



Foto: Alfredo Matos



Foto: Alex Bird

OS REITORES E OS GENERAIS

João Augusto Gama

João Cardoso do Nascimento Junior era o Reitor da incipiente Universidade Federal de Sergipe (UFS) quando da edição do ato institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968. A Universidade havia sido instalada em sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em maio daquele ano. Poucos dias antes o estudante Edson Luís fora assassinado no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, pelas forças da repressão, provocando uma onda de indignação e protestos em todo o Brasil. Aracaju não ficou de fora e o Movimento Estudantil organizou uma passeata de repúdio que culminou com uma missa campal no parque Teófilo Dantas.

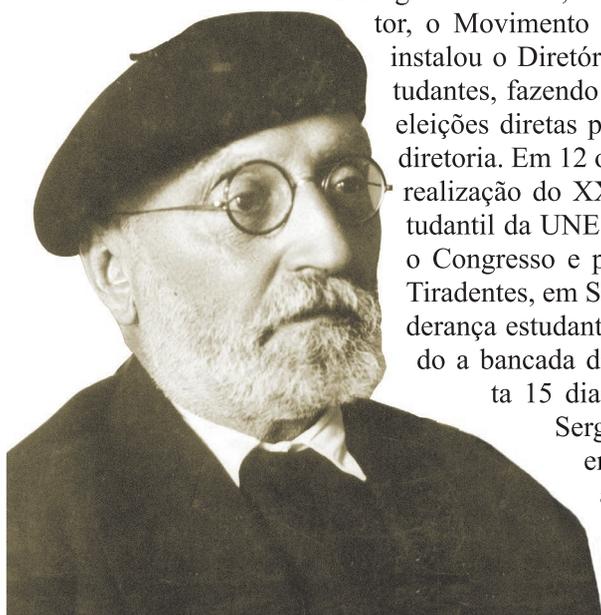
Em agosto de 1968, com o apoio do Reitor, o Movimento Estudantil criou e instalou o Diretório Central dos Estudantes, fazendo no mesmo mês as eleições diretas para a sua primeira diretoria. Em 12 outubro, quando da realização do XXX Congresso Estudantil da UNE, a repressão fecha o Congresso e prende no Presídio Tiradentes, em São Paulo, toda a liderança estudantil do país, incluindo a bancada de Sergipe que solta 15 dias depois retorna à Sergipe para ser presa em dezembro, após a edição do ato institucional nº 5, sendo liberada em

janeiro de 1969.

O Reitor João Cardoso era um humanista e com a sua maneira educada que transmitia tranquilidade não se deixava intimidar pelos militares. Após a edição do AI 5 as pressões da 6ª Região Militar em Salvador para que o Reitor usasse o decreto 477 que lhe dava poderes para expulsar os estudantes enquadrados na Lei de Segurança Nacional eram insuportáveis. Discreto e calmo, mas sofrendo muito, o Reitor ganhava tempo para que os estudantes se formassem. Diariamente o Reitor João Cardoso enfrentava uma batalha silenciosa, às vezes nem tanto, para evitar que a jovem universidade federal de Sergipe fosse instrumento do ódio fascista.

O general Abdon Sena era o poderoso comandante da 6ª Região Militar em Salvador a quem o comando militar em Sergipe era subordinado hierarquicamente. Nada acontecia em Sergipe sem a chancela da 6ª Região Militar. Os atos mais rotineiros da vida administrativa eram considerados "assuntos de segurança Nacional". Nomeações de juizes, transferências de servidores, tudo passava pelo crivo militar.

Na Bahia, o General Abdon Sena, às vésperas do Natal de 1969, enviou um ofício cheio de indignação ao governador Luiz Viana Filho mandando que ele apreendes-se toda a edição da obra poética de Gregó-



Miguel De Unamuno

João Cardoso



rio de Matos Guerra, o Boca do Inferno, organizada por James Amado e financiada pelo governo da Bahia. Dizia o general no seu comunicado que Gregório de Matos era considerado inimigo do exército brasileiro por ser “subversivo, anticlerical e imoral”. O general Abdon Sena vociferava tais bobagens, menos por ser fascista, do que por pura ignorância. Inimigo das letras, não conhecia o general nada da obra do grande poeta baiano falecido há mais de três séculos.

Na década de trinta do século passado, durante a Guerra Civil Espanhola (1936/1939), Miguel de Unamuno era o Reitor da Universidade de Salamanca, uma das mais antigas universidades da Europa. Filósofo, humanista, Unamuno no princípio apoiara as forças nacionalistas do general Franco contra a jovem república, mas não podia aceitar os assassinatos de Casto de Prieto, prefeito de Salamanca e do grande poeta Federico Garcia Lorca.

No dia 12 de outubro, em comemoração ao dia da descoberta da América, realizou-se na Universidade de Salamanca o Festival da Raça Espanhola. O incidente é bastante conhecido como símbolo do fascismo e sua intolerância. Estavam presentes no palco, entre outros, a esposa de Franco, o bispo de Salamanca e o professor Francisco Maldonado que fez um violento discurso contra o nacionalismo

“O Reitor João Cardoso era um humanista e com a sua maneira educada que transmitia tranquilidade não se deixava intimidar pelos militares”



Universidade de Saragoça

basco e catalão que precisava ser "curado com bisturi do fascismo". Na sala alguém gritou, "viva la muerte". O general Millán Astray que tinha apenas um braço e um olho, líder da falange, acompanhou o grito necrófilo: "viva la muerte".

O filósofo Miguel de Unamuno levantou-se e disse que não podia calar-se. "Às vezes ficar em silêncio é mentir". Enfrentando o fascismo e os fascistas cara a cara, Unamuno disse que a Universidade é o Templo do Saber ele o seu sumo-sacer-

dote. "É o senhor que profana este recinto sagrado. O senhor vencerá porque tem a força bruta mais que suficiente. Mas não convencerá. Pois para convencer precisará do que lhe falta: a razão e o direito em sua luta. Considero inútil exortar o senhor a pensar na Espanha".

Dizem que o general Franco lamentou Miguel de Unamuno não ter sido fuzilado, fato que só não aconteceu, comentam os historiadores, pela presença da esposa de Franco no recinto. Pouco tempo depois,



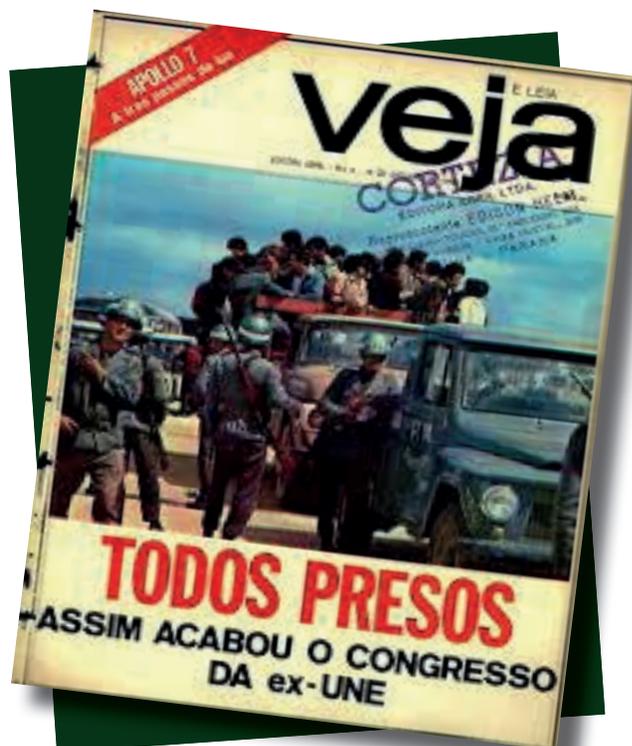
Fuzilamento do poeta Federico García Lorca a mando do ditador Franco

“O Reitor João Cardoso do Nascimento Júnior fez da Universidade Federal um Templo do Saber. Resistiu. Nenhum estudante foi expulso. Fato único entre as universidades públicas brasileiras”.

destituído do cargo de Reitor, Miguel de Unamuno morreu no isolamento.

O Reitor João Cardoso do Nascimento Júnior fez da Universidade Federal um Templo do Saber. Resistiu. Nenhum estudante foi expulso. Fato único entre as universidades públicas brasileiras. Tal como Miguel de Unamuno foi seu Sumo-Sacerdote. A Universidade Federal de Sergipe, através da coragem do seu Reitor João Cardoso, reagiu à intolerância.

Os Reitores, o sergipano e o basco, entraram na História com exemplos de tolerância e humanismo. Os generais, o brasileiro e o espanhol, marcaram suas passagens pela expressão do arbítrio da intolerância e da estupidez. **■**



“Na Bahia, o General Abdon Sena, às vésperas do Natal de 1969, enviou um ofício cheio de indignação ao governador Luiz Viana Filho mandando que ele apreendesse toda a edição da obra poética de Gregório de Matos Guerra, o Boca do Inferno, organizada por James Amado e financiada pelo governo da Bahia. Dizia o general no seu comunicado que Gregório de Matos era considerado inimigo do exército brasileiro por ser ‘subversivo, anticlerical e imoral’”

AS TERRAS DO ARACAJU

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento



Segundo o historiador Sebrão Sobrinho, em 1590, depois de conquistar o território de Sergipe, Cristóvão de Barros entregou metade das suas terras, desde Aracaju até as margens do rio São Francisco ao seu filho Antônio Cardoso de Barros (foto 1). Considerando exagerada a extensão territorial, a Coroa teria reduzido o domínio deste último à metade que corresponderia a faixa compreendida entre os rios São Francisco e Japarutuba. Assim, as terras situadas entre Aracaju e a margem direta do rio Japarutuba ficaram devolutas à espera de sesmeiros que as requeressem. A primeira sesmaria conhecida é a de Pero Gonçalves, com 1.000 braças de comprimento por 700 de largura, no cabo do rio Cotinguiba. Pedro Homem da Costa recebeu três léguas de comprimento por uma de largura, entre o rio Cotinguiba e o Poxim. Em 1736 essas terras foram transferi-

das para Manuel Martins Chaves, pai de Chica Chaves, proprietária do Engenho Aracaju da Cotinguiba, o Engenho Velho que posteriormente seria transferido ao padre José Bernardino da Silva Botelho e ao padre Antonio Chaves. O Engenho Velho pertenceu depois a professora Mariana Braga, que manteve uma escola nas proximidades da atual ladeira do bairro Santo Antônio.

A criação do encapelado de Santo Antônio do Aracaju data de outubro de 1778, quando o padre Luís de Brito Soares recebeu a sua administração. Ali se estabeleceu o povoado de Santo Antônio. O povoado é algo distinto da cidade que Inácio Barbosa fundaria em 1855. Só posteriormente foi incorporado à malha urbana da nova capital. Não obstante esse trajeto, é pouco crível a tese sustentada por boa parte da historiografia sergipana, que considera o espaço no qual a cidade de Aracaju foi erguida uma praia inóspita, esquecida. A nova cidade foi construída a partir do sítio Olaria. Eram duas Olarias: a Olaria do Aracaju e a



Ç I R Í



“ A criação do encapelado de Santo Antônio do Aracaju data de outubro de 1778, quando o padre Luís de Brito Soares recebeu a sua administração. Ali se estabeleceu o povoado de Santo Antônio. O povoado é algo distinto da cidade que Inácio Barbosa fundaria em 1855. Só posteriormente foi incorporado à malha urbana da nova capital ”

Olaria das Almas. A primeira, a Olaria do Aracaju ou Porto dos Ferreiros, tinha sua sede na área central da cidade erguida por

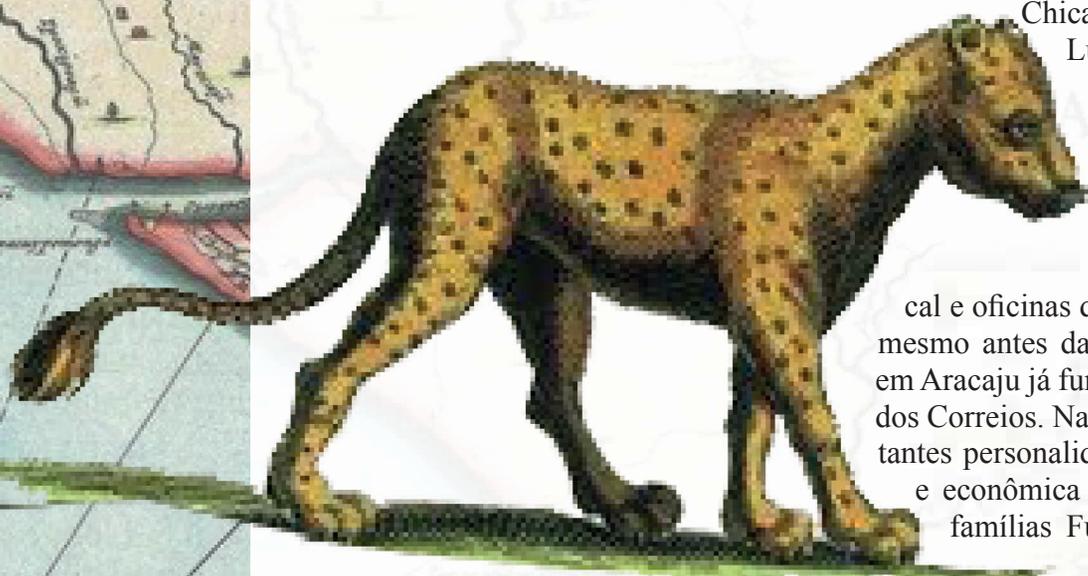
Inácio Barbosa, nas proximidades da atual rua Estância. A segunda, nas margens do rio do Sal. Uma terceira, a Olaria de Cima, que existira no início do século XIX e pertencera a Cristóvão de Mendonça, descendente dos Furtado de Mendonça, foi extinta em 1855.

Em toda a região que circundava a Olaria do Aracaju existiam engenhos, sítios, lavouras, criatórios, salinas, casas de telha, casas de palha e escolas. Dentre os principais sítios e núcleos de moradores vale citar Miramar, Boca do Rio, Barreta, Borburema, Aroeiras,





“ Em toda a região que circundava a Olaria do Aracaju existiam engenhos, sítios, lavouras, criatórios, salinas, casas de telha, casas de palha e escolas. Dentre os principais sítios e núcleos de moradores vale citar Miramar, Boca do Rio, Barreta, Borburema, Aroeiras, Chica Chaves, Tramandaí, Lusía, Guageru, Mané Preto. ”



Chica Chaves, Tramandaí, Lusía, Guageru, Mané Preto. Nessas terras se produzia mandioca, cana, arroz, milho, feijão, sal e côco. Existiam olarias, fábricas de cal e oficinas de ferreiros. Em 1855, mesmo antes da mudança da capital, em Aracaju já funcionava uma agência dos Correios. Na região viviam importantes personalidades da vida política e econômica de Sergipe, como as famílias Furtado de Mendonça,





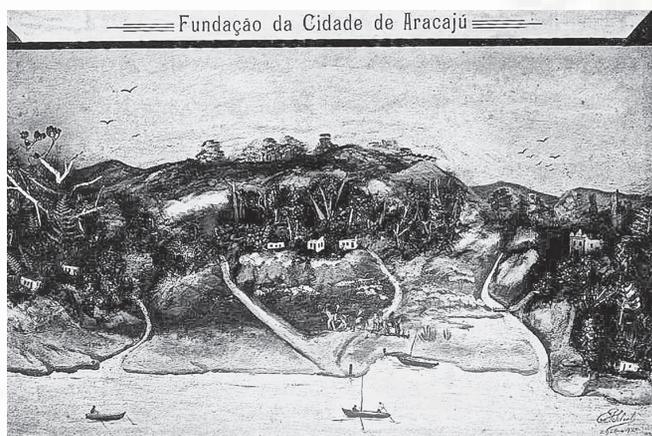
Rollemberg e Chaves. No século XIX, era significativo o número de proprietários ricos que viviam na região da Olaria do Aracaju, como André Cardoso Negrão, um agricultor negro, nascido em 1784, casado com Maria Francisca, que morreu em julho de 1821. Outra personalidade importante na vida da Província era o pai putativo do comendador Antonio José da Silva Travassos e do padre Francisco José da Silva Travassos. Ele foi casado com Hipólita da Conceição, de quem ficou viúvo, e, ao morrer, em maio de 1832, deixou a viúva Antonia Maria da Porciúncula.

A partir de 1850, depois da vigência da lei que transformou a terra em objeto de comércio, os sesmeiros começaram a regularizar a situação dos terrenos que esta-



vam sob seu domínio. Do mesmo modo, cresceram os pedidos de aforamento das terras localizadas nas áreas de praia. No caso da região da Olaria de Aracaju, o ano de 1854 foi de grande movimentação. Em junho, duas pessoas requereram aforamentos ao presidente Inácio Barbosa: Manuel Fernandes da Silveira e Dionizio José Rodrigues. Em julho, foram oito os

requerentes: Guilherme Pereira da Costa, Isabel Rosa de Macedo, Rufina Francisca de Araujo, Antonio Pedro Machado de Araújo, Cláudio José de Mendonça, Clemente Francisco do Vale, Tomás Martins Cordeiro e Luis Francisco das Chagas, o Luizinho, o maior proprietário de terras na região da Olaria do Aracaju em 1855. 



CERTIFICANDO A SUA SEGURANÇA DIGITAL.



Rua Propriá, 227 - Centro, Aracaju (SE)



(79) 3205 7439



certificado.digital@segrase.se.gov.br